

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA



O desafio para o multilinguismo: o projecto Erasmus

Ludovica Tranfaglia

MESTRADO EM LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA (Língua Estrangeira/Língua Segunda)

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA



O desafio para o multilinguismo: o projecto Erasmus

Ludovica Tranfaglia

MESTRADO EM LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA (Língua Estrangeira/Língua Segunda)

Dissertação de Mestrado orientada pela Professora

Doutora Catarina Gaspar

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

2014

“A beleza do cosmos é dada não só pela unidade na variedade, mas também pela variedade na unidade” (Umberto Eco)

Agradecimentos

Dirijo um agradecimento especial a todas as pessoas que me apoiaram ao longo destes três anos. Em particular:

Aos meus pais sem os quais nada disto teria sido possível.

À minha irmã pela amizade demonstrada.

Ao meu namorado, pelo apoio constante.

À minha orientadora, Professora Doutora Catarina Gaspar pela sua grande disponibilidade.

Aos meus amigos de longe e de perto, aos antigos e aos mais recentes que sempre estiveram ao meu lado.

À todos os estudantes participantes no estudo.

Lista de Siglas e Acrónimos

DGES – Direcção Geral de Ensino Superior

EM- Estados membros

ESN – Erasmus Student Network

L2 – Língua Segunda

LE – Língua Estrangeira

PALV - Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida

PBL - Problem-based learning

PLE- Português língua estrangeira

QECR - Quadro Europeu Comum de Referência

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

UE – União Europeia

Resumo

O presente trabalho pretende analisar conceitos relativos à promoção e à realização da política do multilinguismo em Europa, em particular o objeto de estudo será o projeto Erasmus, instituído pela União Europeia no âmbito do *The Lifelong Learning Programme*.

O trabalho será dividido em três partes principais.

Na primeira será dada uma atenção mais teórica ao contexto das políticas de promoção das línguas desenvolvidas pela União Europeia a partir da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos até chegar ao mais recente Tratado de Lisboa.

A segunda parte apresentará aspectos relativos às iniciativas que promovem o multilinguismo e nesse caso serão investigados, especificamente, o processo de integração social, linguística e cultural dos estudantes que participam em programas de mobilidade internacional.

Na última parte, irá analisar-se o caso concreto dos estudantes Erasmus em Lisboa, em particular, no que diz respeito à integração linguística e cultural e à modalidade da aprendizagem do português como língua estrangeira. Assim sendo, para obter os dados necessários para o estudo, serão efectuadas entrevistas para verificar a política de ensino do português como L2/LE e o processo de diferenciação e identidade na comunidade de acolhimento.

A metodologia adoptada inclui a pesquisa bibliográfica, a análise de fontes documentais, jurídicas e a pesquisa no terreno através da realização de entrevistas.

Palavras-chave: União Europeia, Multilinguismo, Política linguística, L2/LE, Erasmus

Riassunto

Lo scopo di questo lavoro è analizzare concetti relativi alla promozione del multilinguismo in Europa, prestando una particolare attenzione al progetto Erasmus istituito dall'Unione Europea nell'ambito del programma The Lifelong Programme.

La tesi sarà divisa in tre parti:

Nella prima sarà data un'attenzione più teorica alle politiche di promozione delle lingue sviluppate dall' Unione Europea, partendo dalla Dichiarazione Universale dei diritti Linguistici fino ad arrivare al più recente Trattato di Lisbona.

Nella seconda parte saranno presentati aspetti relativi alle iniziative volte a promuovere il multilinguismo e in tal caso sarà investigato, nello specifico, il processo di integrazione sociale, linguistica e culturale degli studenti che partecipano ai programmi di mobilità internazionale.

L'ultima parte vedrà il caso concreto degli studenti Erasmus a Lisbona, soprattutto in relazione all'integrazione linguistica e culturale e alla modalità dell'apprendimento del portoghese come lingua straniera.

In questo modo per ottenere i dati necessari allo studio, saranno fatte delle interviste per verificare la politica di insegnamento del Portoghese L2/LS e il processo di differenziazione e identità nella comunità di accogliimento.

La metodolgia adottata include la ricerca bibliografica, l'analisi di documenti, fonti giuridiche e una ricerca sul campo per la realizzazione delle interviste.

Parole chiavi: Unione europea, Multilinguismo, Politica linguistica, L2/LS, Erasmus

Índice

Agradecimentos	4
Lista de siglas e acrónimos	5
Resumo	6
Riassunto	7
Introdução	10
Capítulo 1	14
1.1 Definição de Multilinguismo.....	14
1.2 Para uma Europa Multilingue e Multicultural	16
1.3 Um olhar sobre as políticas culturais europeias	19
1.4 O processo de aprendizagem intercultural	22
1.5 A construção da identidade no contexto da L2/LE.....	26
1.6 Reconsiderações gerais	31
Capítulo 2	32
2.1 A Europa em movimento	32
2.2 Os programas de apoio	32
2.3 O programa Erasmus	35
2.4 Apresentação do estudante em mobilidade	38
2.5 Aquisição e desenvolvimento das competências interculturais	39
2.6 A construção individual durante os programas de estudo no estrangeiro	42
2.7 A adaptação cultural.....	44
Capítulo 3	48
3.1 Erasmus: objetivos	48
3.2 Dados sobre a mobilidade de estudantes.....	50

3.3 Os cursos de língua para os estudantes Erasmus	50
3.4 Metodologia de recolha de dados.....	52
3.5 Caracterização do público alvo	54
3.6 Estadia	56
3.7 Regresso	58
3.8 Conclusões finais	60
 Referências Bibliográficas.....	 63
Páginas consultadas na Internet	70
Anexos	73

Introdução

Esta dissertação tem como objectivo a reflexão sobre a realidade dos estudantes Erasmus em Lisboa e trata da questão do seu processo de integração linguística e cultural. Centra-se na interacção entre os estudantes Erasmus e a comunidade lisboeta, a partir da aprendizagem da língua portuguesa.

Nesta perspectiva analisam-se as políticas de promoção linguística e cultural europeia, nas quais focamos o projecto de mobilidade mais comum e conhecido, o programa Erasmus.

Nesta fase considero importante reflectir sobre o fenómeno moderno da globalização e da abolição das fronteiras nacionais, pois geraram um aumento de profissionais e estudantes em mobilidade geográfica e cultural.

Neste estudo, efectuaram-se várias entrevistas a estudantes que participaram no programa Erasmus em Lisboa durante o ano letivo 2012-2013. As entrevistas são relevantes para analisar a sua integração linguística e cultural, bem como as dificuldades da comunidade Erasmus.

Este tema é relevante para ser um fenómeno em contínuo crescimento; o projecto Erasmus é o programa mais popular entre os programas de mobilidade europeia. De facto, desde a sua criação o número de estudantes que usufruiu deste projecto de intercâmbio, aumentou consideravelmente.

Consequentemente será necessário também examinar as questões relativas aos conceitos de educação e formação intercultural, mais do que linguística. Como a língua é parte da cultura individual e social, será preciso investigar as dinâmicas que estão na base do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira (LE) no contexto do estudo no estrangeiro. Neste processo, inserem-se preocupações com os possíveis choques, que podem ocorrer no estudante quando entra em contacto com culturas novas e diferentes da sua.

O tema tratado na presente dissertação além de ser de grande atualidade, tem também a ver com a minha experiência de vida pessoal. Embora nunca tenha participado

no programa Erasmus ou em outro programa de mobilidade estudantil europeia, faço parte de qualquer modo, da percentagem de estudantes estrangeiros a residir em Lisboa. Claramente a minha posição é diferente daquela dos estudantes Erasmus, mas também se diferencia da dos imigrantes. A minha escolha e motivação da minha vinda para Portugal está ligada a razões de estudo, assim como para os estudantes Erasmus; pelo contrário, a vinda dos imigrantes tem geralmente a ver com questões relativas ao trabalho ou à procura de melhores condições de vida.

Sendo que desde a minha chegada à capital portuguesa, entrei em contato com um grande número de estudantes Erasmus, decidi tirar proveito deste conhecimento para investigar o processo de integração linguística e cultural, de adaptação, de identificação ou diferenciação com a comunidade autóctone, processo pelo qual eu também passei durante a fase inicial da minha estadia em Lisboa.

O trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro, apresenta-se o contexto das políticas de promoção do multilinguismo e do multiculturalismo na Europa, assim como as políticas de ensino e aprendizagem de línguas vivas, desenvolvidas ao longo dos anos pela União Europeia. No segundo capítulo, investiga-se o processo de integração social, linguística e cultural dos estudantes que participam nos programas de intercâmbio no estrangeiro. Nessa perspectiva, serão tratados conceitos relativos à identidade linguística e cultural em contextos interculturais. No último capítulo, analisa-se o caso concreto dos estudantes Erasmus em Lisboa, que é analisado em três momentos:

1. Caracterização do público alvo
2. Estadia
3. Partida

Pretende-se responder a questões que se relacionam com a integração linguística e cultural; a modalidade de aprendizagem do português LE/L2; o processo de adaptação e as relações com a comunidade lisboeta; e o período de regresso ao país de origem.

O estudo empregou uma abordagem qualitativa, envolvendo dez entrevistas semi-estruturadas, a maioria efectuada via Skype. Este pareceu-me ser o método mais indicado, na medida em que as entrevistas me permitiram perceber as histórias, as experiências e as perspectivas dos entrevistados. A escolha das entrevistas semi-estruturadas deve-se sobretudo ao facto de serem mais abertas e de permitirem maior interacção. O facto de investigar um processo que se refere a um ano de experiência no estrangeiro, levou-me a

optar por esse tipo de entrevista, que se baseia também numa reflexão retrospectiva. As entrevistas semi-estruturadas permitiram-me recolher informações pormenorizadas e aprofundadas, de carácter qualitativo.

De facto, como afirma DiCicco-Bloom e Crabtree (2006) a propósito das entrevistas semi-estruturadas, em profundidade: *the individual in-depth interview allows the interviewer to delve deeply into social and personal matters, The in-depth interview is meant to be a personal and intimate encounter in which open, direct, verbal questions are used to elicit detailed narratives and stories. Traditionally the structure of the in-depth interview dictates that the interviewer maintains control over the interaction with the interviewee's co-operation.* (DiCicco-Bloom, Crabtree, 2006, pp. 315-317)

Capítulo 1

1.1 Definição de multilinguismo

Este capítulo pretende dar uma definição do conceito do multilinguismo e multiculturalismo associado ao de identidade.

A palavra multiculturalismo é relativamente recente e a sua definição continua a evoluir, falando em geral a palavra implica a coexistência de culturas. Todavia o conceito tem um significado mais profundo que deve ser encontrado no processo moderno da globalização e da abolição das fronteiras geográficas nacionais, onde diferentes culturas, etnias e raças habitam num espaço comum. O crescente fenómeno da migração, resultado do processo de mobilidade, fez emergir as actuais sociedades multilingues e multiculturais. Os novos espaços e cidades fazem parte deste fenómeno de mobilidade global, onde frequentemente os cidadãos se misturam com outras pessoas de diferentes culturas, tradições e histórias. Nesse sentido, o multiculturalismo abrange todas as formas de diversidade que caracterizam a sociedade moderna e foi definido como a estratégia mais funcional *to deal with both cross-national and intranational diversity*. (Tung, 1993 apud Connerley 2005, p. 3).

O multilinguismo faz parte do conceito mais amplo de multiculturalismo, sendo que a língua é parte integrante de cada cultura. O termo foi discutido amplamente em diversas áreas: sociologia, linguística e psicologia. Embora não seja fácil definir precisamente o termo e o seu conceito, aqui tentamos adoptar a explicação, segundo a qual o multilinguismo é *the capacity of societies, institutions, groups ad individuals to angage on a regular basis in space and time with more then one language in everyday life. Multilingualism is a product of the fundamental human ability to communicate in a number of languages*. (Franceschini, 2009 apud Aronin e Singleton, 2012, p. 7)

O que aqui se pretende é analisar este termo numa perspectiva das políticas europeias, sobretudo no que diz respeito ao ensino e à aprendizagem das línguas.

Neste âmbito, o multilinguismo é referido *como o conhecimento de um certo número de línguas ou a coexistência de diferentes línguas numa dada sociedade. Pode chegar-se ao multilinguismo simplesmente diversificando a oferta de línguas numa escola ou num sistema de ensino específicos, incentivando os alunos a aprender mais do que uma língua estrangeira, ou, ainda, diminuindo a posição dominante do inglês na comunicação internacional.* (Conselho da Europa - QECR, 2001, p. 23)

A União Europeia enquadra-se perfeitamente no conceito de espaço multilingue com os seus 28 países, cada um com a própria história, língua, cultura e religião e onde é possível, quotidianamente, atravessar livremente os confins geográficos dos estados Membros.

Para tal, é necessário considerar brevemente a história da Europa, ao fim de ver a evolução geográfica e política que levou à sua constituição.

A Europa constitui uma identidade geopolítica, cada vez menos limitada aos países que a compõem. O papel desempenhado pelas línguas na arquitetura política, económica e social pode ser inferido de uma série de textos que se centram numa visão comum sobre a diversidade linguística e cultural. (Zarate, Lévy, Kramsch, 2011, p.4).

A mobilidade na UE está ligada à economia e à mobilidade laboral que por sua vez está relacionado com o espaço económico integrado e comum.

A Primeira Guerra Mundial destruiu a liberdade de movimento e o controle do Estado sobre os seus cidadãos. Foi só após a Segunda Guerra Mundial, quando foram forçadas as alianças económicas (com a criação da Comunidade Económica do Carvão e Aço), que foi reintroduzida uma relativa liberdade de movimento em Europa. Hoje em dia, embora sejam precisos passaportes e os controles sejam rigorosos, o número de cidadãos europeus que circula entre os Estados-Membros é muito maior em comparação com o do início do século XX.

Embora a queda do Muro de Berlim tenha mudado o carácter geopolítico das relações entre os Estados europeus, a nova ordem económica e o surgimento de intercâmbios económicos, deu origem a novos imperativos de ordem social e linguística. Estes novos imperativos reclamaram novas formas de entender a aprendizagem de línguas estrangeiras.

O fator da mobilidade, de facto, tem um significado especial para os professores e os estudantes de línguas, porque eles podem usar o próprio conhecimentos em relação às

outras línguas e culturas como um suporte e base para conseguirem realizar uma mobilidade eficaz.

Como o economista francês Jacques Attali (2011) afirma, viajar vai se tornar numa componente fundamental do ensino universitário e do desenvolvimento profissional.

Esta visão do futuro leva a uma reconsideração da história dos intercâmbios linguísticos nos países da Europa, Ásia, África e das Américas. Muitos destes países não esperaram a globalização para se tornarem multilingues e multiculturais.

As conquistas militares, o proselitismo religioso ou ideológico, a escravidão, o colonialismo, os intercâmbios culturais e comerciais, as práticas tribais multilingues contribuíram, durante muito tempo, para a diversificação da sociedade.

1.2 Para uma Europa Multilingue e Multicultural

O conceito do Multilinguismo foi pela primeira vez definido pela Comissão das comunidades europeias em 2005 na comunicação da comissão ao conselho, ao parlamento europeu, ao conselho económico e social ao comité das regiões intitulada *Um novo quadro estratégico para o multilinguismo*. Este documento *reitera a necessidade de todos os cidadãos europeus dominarem duas línguas, além da materna, incentivando os E-M a criarem projectos de sensibilização para as vantagens de aprendizagem de línguas*. (Gonçalves, 2011, p. 33)

O multilinguismo será então a capacidade de uma pessoa utilizar diversas línguas e a coexistência de comunidades linguísticas diferentes numa dada área geográfica. O termo é usado para descrever a nova área de ação política da Comissão, que estimula um clima que propicie a plena expressão de todas as línguas e onde possam florescer o ensino e a aprendizagem de um leque variado de línguas.

Em 1992, a União Europeia publicou um estudo intitulado *Euromosaic*, produto desenvolvido a partir do tratado dos grupos linguísticos minoritários na União Europeia, cujo objetivo era analisar o potencial da expansão do uso das línguas regionais e minoritárias e as dificuldades com que as mesmas se encontram a este nível. As

motivações estão relacionadas com o "prestígio" da língua ou a sua utilidade em termos de mobilidade social e de reprodução cultural (Comissão Europeia 1992).

Seguiram-se, em 1995, o *Livre Blanc de la Commission Européenne Enseigner et apprendre vers la société cognitive* e, logo em 2001, o Conselho da Europa publicou nas diversas línguas da UE, o *Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas* (QECR).

2008 foi o *Ano Europeu do Diálogo Intercultural*, que teve como objectivo principal promover o diálogo intercultural. Neste contexto, a Comissão instituiu um grupo de onze intelectuais presidido por Amin Maalouf, para aconselhar sobre o diálogo intercultural. Nesse âmbito, propôs-se a noção de *língua pessoal adoptiva*, que *significa que todos os europeus seriam incentivados a escolher livremente uma língua distintiva, diferente da sua língua identitária, e diferente também da sua língua de comunicação internacional. Tal como a concebemos, a língua pessoal adoptiva não seria de forma alguma uma segunda língua estrangeira, mas antes, em certa medida, uma segunda língua materna*. (Grupo de Intelectuais para o Diálogo Intercultural Constituído por iniciativa da Comissão Europeia, 2008, p. 10). Como consequência dessa abordagem, seria expectável restituir a cada língua europeia um lugar privilegiado.

Todas as publicações acima referidas, confirmam o papel das línguas enquanto parte integrante e componente oficial da identidade europeia.

Como já dissemos, as comunidades multilingues são o resultado de movimentos históricos, políticos e/ou económicos, tais como o Imperialismo, o Colonialismo ou a imigração.

Regista-se uma necessidade crescente para o multilinguismo individual como resultado dum aumento de comunicação entre as várias partes do mundo e tem-se tornado cada vez mais indispensável ser proficiente e competente num maior número de línguas. Como consequência desta política de promoção do plurilinguismo tem-se estimulado uma maior utilização das diferentes línguas europeias faladas nos Estados Membros.

Entender o multilinguismo significa compreender as ligações entre as línguas e, virtualmente, em todas as outras áreas da vida social.

Um outro tema de interesse é a noção de "Dimensão Europeia" no currículo. O conceito é usado com uma referência precisa à política promovida pela União Europeia que compreende duas perspectivas sobre o ser europeu. A primeira é a oportunidade económica e social:

(the measures introduced should help to) make young people aware of the advantages which the Community represents, but also of the challenge it involves, in opening up an enlarged economic and social area to them. (European Communities, 1988, p.10)

A segunda é a promoção dum sentimento de "identidade europeia", ainda não definida com exactidão, mas associada a um conhecimento sobre a civilização europeia:

all appropriate disciplines, for example, literature, languages, history, geography, social sciences, economics and the arts (European Communities, 1998, p.11).

Em 1995 a Comissão Europeia divulgou um *Relatório Branco sobre a educação e formação* (The White Paper on Education and Training) intitulado *Teaching and Learning towards the Learning Society* (Commission of the European Union, 1995).

O Livro Branco propõe cinco objetivos, um dos quais concentra-se na aprendizagem das línguas e na ideia de "domínio de três línguas comunitárias" para todos os estudantes e já não reservada só a uma elite:

Proficiency in languages helps to build up the feeling of being European with all its cultural wealth and diversity and of understanding between the citizens of Europe... It is no longer possible to reserve proficiency in foreign languages for an elite or for those who acquire it on account of their geographical mobility. (European Commission, 1996, p. 67)

Cumpre assinalar que a aprendizagem das línguas, nesta declaração, está relacionada com conceito de cidadania europeia. (Byram, Risager 1999, p.45)

1.3 Um olhar sobre as políticas culturais europeias

O Conselho da Europa concedeu às minorias nacionais e étnicas a oportunidade de reclamarem os seus direitos educacionais e linguísticos.

A EU promoveu a mobilidade por motivos económicos, mas também a fim de criar uma integração na vivência das pessoas. Foram desenvolvidos, particularmente, programas pós-escolares para jovens, seja quer a nível universitário quer no ensino profissional. A UE respondeu com o *European Bureau for Lesser Used Languages* e o Conselho da Europa elaborou a *Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias* (The European Charter for regional or Minority Languages), que entrou em vigor 1998.

Em 1957, com o Tratado de Roma foi instituída a Comunidade Económica Europeia, que declarou a cultura como elemento unificador dos povos e promotor do desenvolvimento sócio-económico. As políticas culturais europeias, a partir desse momento, foram sempre concebidas como um meio de promoção da consciência europeias entre os seus cidadãos, assim como uma condição indispensável pela integração política.

Com o Tratado de Maastricht, em 1992, a cultura passou a assumir um papel central, contemplando também, pela primeira vez, o princípio de respeito pela diversidade cultural dos povos europeus. O tratado, além de assegurar o respeito pela história e cultura dos povos, grupos ou minorias, centra-se sobretudo na preservação da diversidade. O Tratado instituiu igualmente a cidadania europeia como complemento da cidadania nacional. O conceito de cidadania europeia traduz os valores fundamentais partilhados pelos europeus e sobre os quais assenta a construção europeia, que se apoia igualmente numa formidável herança cultural comum. Por mais diferentes que sejam, os povos europeus partilham uma história que situa a Europa no mundo e na qual se funda a sua especificidade. (Comissão Europeia, 2001).

Além do mais, através do Tratado de Maastricht, a União Europeia empenhou-se em desenvolver uma dimensão europeia da educação, mais especificamente em relação à aprendizagem e divulgação das línguas dos estados membros. Este texto fundador, de facto, fixa o início de uma cooperação comunitária no domínio do ensino das línguas. Foi neste contexto que foram definidos os objetivos essenciais para a promoção da aprendizagem e do ensino das línguas comunitárias. Pela primeira vez, é expressamente

declarado o objetivo de dar a todos os alunos a possibilidade de estudar pelo menos uma outra língua da comunidade.

Em 2000, a Estratégia de Lisboa apresentou o objetivo de incentivar a mobilidade europeia ao fim de garantir um crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos e com maior coesão social.

Logo após o Ano europeu das Línguas em 2001¹, o Conselho da Europa e a UE apoiaram o financiamento para projetos e campanhas de aprendizagem de línguas estrangeiras.

Em 2002 é divulgado o programa de trabalho *Education and Training 2010* cujos princípios definiram uma nova estratégia no campo da educação. Neste documento se delinearam três objectivos que deveriam ser atingidos até 2010 por todos os Estados Membros. O primeiro era *melhorar a qualidade e a eficácia dos sistemas de educação e de formação na UE*, o segundo era *facilitar o acesso aos sistemas de educação e formação* e o terceiro objectivo era *abrir ao mundo exterior os sistemas de educação e de formação*. (Parlamento europeu, 2002)².

A promoção da aprendizagem de duas línguas estrangeiras, além da língua materna, tornou-se objetivo principal no Conselho Europeu de Barcelona de 2002, quando foi criado um indicador europeu de competência linguística, associado ao já referido *Quadro Europeu Comum de Referência* (QECR), elaborado pelo Conselho da Europa no âmbito do projeto *Políticas linguísticas para uma Europa Multilingue e Multicultural*.

O QECR constituiu um instrumento linguístico essencial para a harmonização do ensino e da aprendizagem das línguas vivas na grande Europa. Ele forneceu uma base comum para a elaboração de programas de línguas, linhas de orientação curriculares, exames, manuais, etc., na Europa. Descreve exaustivamente aquilo que os aprendentes de uma língua têm de aprender para serem capazes de comunicar nessa língua e quais os conhecimentos e capacidades que têm de desenvolver para serem eficazes na sua atuação. A descrição abrange também o contexto cultural dessa mesma língua. Além disso, o QECR

¹ *The purpose of the European Year of Languages 2001 is to use an awareness and education policy to encourage the people of the European Union to learn several foreign languages.* (http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/lifelong_learning/c11044_en.htm acesso em Setembro 2013)

² <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+CRE+20020205+ITEMS+DOC+XML+V0//PT&language=PT> acesso em Setembro 2013

definiu os níveis de proficiência, que permitem medir os progressos dos aprendentes em todas as etapas da aprendizagem e ao longo da vida.

Em 2003 foi divulgado a plano de acção *Promoting language learning and linguistic diversity: na action plan 2004-2006*, para reforçar a riqueza cultural representada pelo multilinguismo e plurilinguismo europeus. Esta importância é confirmada pelos apoios financeiros dados pelos Programas *Sócrates*, *Leonardo da Vinci* e *Juventude em Acção*.

Durante o ano de 2005 foi divulgado o documento Indicador europeu de competência linguística, cujo objectivo é *medir globalmente as competências em línguas estrangeiras em cada E-M*. (Gonçalves, 2011, p. 32)

O alargamento da aprendizagem de línguas estrangeiras facilitou a mobilidade, que de outra forma seria impossível. Contudo, este progresso não é homogéneo e, para alguns grupos de jovens, a língua continua a ser um obstáculo importante (ex. no ensino e formação profissionais). Além disso, a diversidade linguística da Europa constitui uma componente essencial da sua riqueza e é importante garantir que os países com línguas menos faladas também sejam promovidos como destinos de mobilidade. (Comissão das Comunidades Europeias, 2009)

O primeiro programa de mobilidade a ser aprovado pela UE, foi o projecto Erasmus em 1987. O programa inclui, entre outros, as acções de mobilidade de estudantes universitários, mobilidade de pessoal com missões de ensino, mobilidade de pessoal com missões de formação profissional e cursos intensivos de línguas³. O programa Erasmus foi integrado no programa Sócrates em 1994, juntamente com os programas Comenius e Grundtvig. Em 2007, os três programas passaram a fazer parte do programa mais amplo Aprendizagem ao Longo da Vida, ao qual se adicionou o programa Leonardo da Vinci. Todos os projectos têm com objectivo promover a mobilidade e melhorar o ensino nos Estados-Membros.

³

<https://juventude.gov.pt/EducacaoFormacao/AgirEuropa/Erasmus/Paginas/default.aspx>

acesso em Novembro 2013

1.4 O processo de aprendizagem intercultural

Um elevado grau da consciencialização sobre as diferenças culturais e a diversidade global das normas e valores é importante ao fim de estabelecer as bases para uma interação intercultural (Fantini, 2000 apud Reid, Stadler, Spencer-Oatey, 2005, p. 39).

Desenvolver esta consciência requer a adoção duma prática consciente de reflexão sobre as experiências. O conceito da reflexão é um ponto central nas teorias modernas de aprendizagem que se tornou um importante elemento dos processo de ensino e aprendizagem como o conceito de "aprendizagem por ação" (Revans, 2011) e da "aprendizagem baseada em problemas (PBL)" (Boud, Feletti, 1997)

A aprendizagem é um processo contínuo e é provável que, tanto os indivíduos que os grupos de que fazem parte, revejam as fontes de aprendizagem em qualquer atividade para dar sentido à experiência. Aprender uma língua estrangeira é, aliás de adquirir um sistema linguístico autónomo, sobretudo a capacidade de desenvolver um modo de expressões que são partilhadas por membros de uma comunidade linguística. Falar uma outra língua, significa falar a língua de um Outro, através de palavras que têm uma existência social, histórica e cultural e uma "carga cultural partilhada" (Galisson, 1988). Esta carga cultural reflete e dá forma à sensibilidade, memória e representação que o falante tem de si e do outro.

As pessoas que experienciaram diferentes culturas adicionam elementos das línguas que conhecem e usam, porque a língua e a cultura interagem, logo o enriquecimento duma enriquece a outra.

O processo de aprendizagem duma língua pode contribuir para um melhor conhecimento e interesse por pessoas de outras origens culturais, quer nas suas sociedades, quer em sociedades conexas geograficamente e politicamente, ou numa sociedade mais distante e desconhecida.

De facto, hoje em dia é bem sabido que *the aim for learning a language is not only to communicate with native speakers but also with non-native speakers belonging to a diversity of nations and cultures.* (Nordquist, 2010, p.109)

Utilizar uma língua segunda, situa uma pessoa, sobretudo se pertencer a uma minoria, numa condição adversa também na área profissional. Nesse sentido a língua é o *badge of identity* (Buruma, 2003 apud Mantero, 2006), é como uma espécie de palavra-passe de entrada num território novo.

É necessário sublinhar como o aprendente da L2 não tem que ser visto como uma imitação do falante nativo, mas sobretudo uma pessoa que pode estar entre as duas línguas usando-as ambas quando for apropriado. Byram (1997) critica a atitude comum de tomar o falante nativo como modelo, pelo menos por duas razões. A primeira pode ser encontrada no diferente contexto sócio-cultural de aprendizagem: *The requirement that learners have the same mastery over a language as an (educated) native speaker ignores the conditions under which the learners and native speakers learn and acquire a language.* (Byram, 1997, p. 11) A segunda razão é que, mesmo que fosse possível considerar o falante nativo como modelo, isso iria a criar uma competência errada. Tal situação implicaria que o aprendente deveria abandonar uma língua para se integrar com o novo ambiente linguístico e também comportaria uma *separation from one's own culture and the acquisition of a native sociocultural competence, and a new sociocultural identity.* (Byram, 1997, p. 12)

Além disso, o principal objetivo dos estudantes de língua será adquirir uma consciência intercultural, bem como uma habilidade de se comunicar eficazmente e adequadamente numa variedade de situações internacionais. Em relação a isso, deverão tornar-se falantes interculturais definidos como alguém que *crosses frontiers, and who is to extend a specialist in the transit of cultural property and symbolic values.* (Byram and Zarate, 1997 apud Nordquist, 2010, p. 109)

Interagir eficazmente entre as culturas significa ser capaz de mediar entre duas ou mais culturas. Isto implica que o falante intercultural é alguém capaz de realizar uma negociação entre as pessoas, baseada em fatores culturais específicos e gerais que sejam, de modo geral, mutuamente respeitosos e favoráveis. O processo de competência intercultural requer um desenvolvimento de atributos tais como respeito, empatia, flexibilidade, paciência, interesse, curiosidade, abertura, motivação, senso de humor, tolerância pelas ambiguidades e uma vontade a pendurar julgamentos. Todos esses atributos devem ser abordados como uma parte integrante da competência comunicativa intercultural.

É importante distinguir, neste ponto, entre competência intercultural e competência comunicativa intercultural. A competência intercultural é a capacidade de falar na própria

língua com pessoas de outros países e culturas, *drawing upon their knowledge about intercultural communication, their attitudes of interest in otherness and their skills in interpreting, relating, and discovering [...] cultural difference and enjoying intercultural contact.* (Byram, 1997, p. 70)

Por outro lado, a competência comunicativa intercultural é a capacidade de interagir com pessoas de outros países e culturas numa língua estrangeira. *They are able to negotiate a mode of communication and interaction which is satisfactory to themselves and the other and they are able to act as mediator between people of different cultural origins. Their knowledge of another culture is linked to their language competence through their ability to use language appropriately.* (Byram, 1997, p. 71)

Um falante intercultural pode ser definido como:

someone who can operate their linguistic competence and their sociolinguistic awareness of the relationship between language and the context in which it is used, in order to manage interaction across cultural boundaries, to anticipate misunderstanding caused by difference in values, meaning and beliefs, and thirdly, to cope with the affective as well as cognitive demands of engagement with otherness. (Byram, 1995 apud Block, 2007, p.25)

Entende-se por competência intercultural do falante: *the ability to behave appropriately in intercultural situation, the affective and cognitive capacity to establish and maintain intercultural relationship and the ability to stabilize one's sense identity while mediating between cultures* (Jesen, Jaeger and Lorensten, 1995 apud Block, 2007, p.)

A competência intercultural usa duas pré-condições: a capacidade de relativizar a sua própria cultura que consiste em crenças, sistema de valores e comportamentos e o conhecimento adquirido sobre outras culturas. Daqui surgem três habilidades:

- *Savoir comprendre*- saber como ler culturas usando diversos meios;
- *Savoir apprendre*- saber como aprender com contactos novos comportamentos, sistema de crenças e valores, etc...
- *Savoir faire*- saber como interagir de forma interculturalmente adequada.

Na área da aquisição de uma língua estrangeira, distingue-se habitualmente uma dicotomia na aprendizagem entre língua estrangeira e língua segunda.

Os aprendentes de uma língua segunda são as pessoas que aprendem a língua da comunidade onde vivem; presume-se que eles têm uma motivação mais forte e um melhor acesso à língua do que os aprendentes de uma língua estrangeira.

Os aprendentes de uma língua estrangeira são pessoas que estudam uma língua fora da comunidade onde ela é utilizada.

Pressupõe-se que estes últimos tenham um menor acesso à língua e uma motivação de carácter instrumental mais relacionada com o sucesso escolar que com as mudanças na identidade social ou na experiência de vida (Pavlenko&Blackledge, 2004, p.221).

As disposições dum aprendente de língua são, de facto, altamente variáveis e estão estreitamente relacionadas à pertença, real ou imaginária, à comunidade de prática⁴ (Norton, 2001).

O acesso à língua é moldado não só pelas intenções do aprendente mas também pelas dos Outros com os quais interage.

No processo de aprendizagem de uma LE deve considerar-se também o papel da motivação dos aprendentes. Gardner (2007) distingue dois tipos de motivação: a motivação na aprendizagem de língua e a motivação na sala de aula, conceitos relativos a dois diferentes contextos, o cultural e o educacional. A motivação na aprendizagem de língua é a motivação do aluno para aprender e adquirir uma segunda língua. Este processo implica um aspecto cultural, que se reflete na vontade ou capacidade afetiva de se identificar ou assemelhar com o outro grupo cultural. *Because language is central to the individual's view of the world and hence their sense of identity, the learning of a new form of language could have implications depending on the importance of their own cultural identity and their views of other cultural groups. [...] individual differences are reflected in differences in motivation to learn the language.* (Gardner, 2010, p. 9)

⁴ Wegner explica: “à medida que, no decorrer do tempo, as pessoas dedicam-se a um empreendimento conjunto acabam por desenvolver uma prática comum, ou seja, maneiras determinadas de fazer as coisas e de relacionar-se entre si que permitem que atinjam o seu objetivo comum. Com o tempo a prática resultante torna-se um elo que liga de maneira evidente as pessoas envolvidas”. podem ser consideradas uma ferramenta de gestão para a construção do conhecimento que se dá de forma natural nas relações sociais estabelecidas no ambiente de trabalho. (Wegner apud Capra, 2003, p.119)

A motivação na sala de aula tem a ver com a componente educacional do aprendizagem de uma L2. Esta motivação é afetada pelo ambiente da aula, os professores, materiais e também pelas características pessoais do estudante.

Em ambos os casos a motivação, quando falamos de aprendizagem de língua, está associada às componentes cultural e educacional. A motivação é um fator importante quando associado às componentes comportamentais, cognitivas e afectivas do estudante.

1.5 A construção da identidade no contexto da LE/L2

Durante os últimos anos, os estudos sobre a aprendizagem da segunda língua e da linguística aplicada começaram a concentrar-se no domínio da Identidade: *notions involving the self, discourse, and negotiation of identity have moved from the periphery to the center of many investigations in second language education*. (Mantero, 2011, p.1).

O termo Identidade tem sido desenvolvido e usado em diversas áreas com significados e sentidos diferentes. No sentido mais teórico, o termo emergiu das diferentes disciplinas entre as quais a psicologia, a sociologia, a filosofia e os estudos culturais, abrangendo uma grande variedade de usos. A palavra chegou a ser usada no quotidiano tornando-se logo expressão comum na vida do dia-a-dia e perdendo parte do seu significado original.

Nos últimos anos a palavra Identidade adquiriu um novo valor nos estudos e nos discursos entre as comunidades de linguística aplicada, educadores e investigadores.

A conexão entre língua e identidade é um elemento fundamental da nossa experiência humana. A língua não apenas reflete quem somos, mas igualmente a sua utilização define-nos, directa e indirectamente.

A visão sócio-interacional da Identidade enquadra o diálogo na comunidade multilingue em termos de escolha da língua (*code-switching*) e introduz uma forte versão do multilinguismo.

Na nossa época o avanço da tecnologia, dos transportes e da comunicação tornou o nosso mundo uma *Global Village* (Mantero, 2007). A mobilidade física e mental, acompanhada de um conhecimento humano em contínua expansão e um multiculturalismo

sempre em avanço, tornou a construção da identidade mais complicada para as pessoas que atravessam fronteiras e culturas.

A Identidade linguística está estreitamente ligada à Identidade cultural. A identidade linguística foi descrita como um conjunto de vários elementos, entre os quais a componente gramatical e fonológica do falante.

A escolha linguística é uma questão central na construção da identidade, por exemplo, quando o indivíduo utiliza uma língua adicional em comunicação com as pessoas que têm outra língua materna. Discussões sobre as pessoas multilingues têm o objetivo de esclarecer o processo complexo de construção da identidade na língua adicional.

De acordo com a sociolinguística, a língua é usada para marcar a identidade social. De facto, a fala serve como sinal de pertença a um grupo e consequentemente, de diferenciação de outro. É sempre através da língua que uma pessoa negocia o seu senso de individualidade dentro e entre diferentes locais em alturas diferentes. Estas identidades tornam-se pontos de união nos quais da negociação de identidades é possível observar a diferença social e /ou categorização e a desigualdade social.

Identities are socially constructed, validated, negotiated, and offered through discourse all the while making explicit that identities are embedded at all times within larger ideological structures and discursive practices. (Mantero, 2006, p. 96).

Como tal, os estudantes adquirem não só identidades múltiplas no tempo e no espaço, mas se tornam também agentes ativos que utilizam a língua de chegada como forma de posicionar-se e reposicionar-se, sobretudo tendo em consideração que nem as identidades nem as línguas são estáticas, ambas são dinâmicas e continuamente renegociadas em relação à mudança das nossa interações.

A identidade linguística, também conhecida em sociolinguística como identidade etnolinguística, é entendida como a relação suposta e/ou atribuída entre a individualidade pessoal e um meio de comunicação que pode ser conhecido como língua, dialeto ou socioleto.

Uma pessoa pode herdar uma língua ou dialeto, mas não sentir nenhuma ligação nem ter proficiência nela. As identidades linguísticas podem mudar ao longo da vida, é esse o caso, por exemplo, duma pessoa nascida numa determinada comunidade linguística

para uma questão de herança e eventualmente de experiência, mas que mais tarde desenvolve uma forte ligação e competência numa outra língua de comunidade.

A partir dos anos 60 do século XX, a investigação sobre o bilinguismo e a aprendizagem das línguas era relacionada com o conceito de identidade, que estava enquadrado como um fenómeno fixo e mensurável, relacionado com o sucesso ou o insucesso na aprendizagem de línguas estrangeiras.

Os estudos nesta perspectiva abrangem uma grande variedade de contextos sobre a aprendizagem de uma segunda língua. Seguindo a perspectiva de Block (2007) vamos agora focalizar-nos sobre o contexto dos migrantes adultos.

Nas migrações, Block entende que os adultos atravessam fronteiras geográficas e mergulham num novo ambiente linguístico e cultural. Em alguns casos a imersão na nova língua e cultura acontece sem a ajuda de aulas de língua, noutros casos os cursos de línguas representam uma parte significativa da adaptação e integração.

É na experiência dos migrantes adultos que a identidade e o sentimento de si são postos em jogo e, não menos, porque todos ou a maior parte dos elementos, entre eles a história, a cultura e a língua são afectados pelos da cultura de acolhimento. É por isso que os indivíduos são forçados a reconstituir e redefinir as novas posições que lhes serão atribuídas no novo ambiente. Todavia estes processos de reconstrução e reposição não são realizados de maneira previsível, uma vez que não há garantia de contactos contínuos com os habitantes no âmbito da língua de acolhimento.

Os imigrantes habitam um espaço de relativa exclusão, no que diz respeito ao poder, onde, de facto, eles são excluídos pelas pessoas com quem estão em contacto, enquanto interlocutores com poucas competências linguísticas.

A imersão num novo meio cultural e linguístico, acaba sempre por ter um impacto sobre a construção da identidade individual, sobretudo quando a primeira língua e cultura são fortemente mantidas pelos migrantes.

A nossa personalidade, no contexto da aprendizagem das línguas, cria-se através da participação, em contextos autênticos, em discursos centrados no significado. Essa é a realidade da aprendizagem das línguas. (Mantero, 2007)

É evidente que, muitas vezes, um estudante de língua estrangeira pode ficar frustrado porque, embora conheça muito uma língua, ele é incapaz de a utilizar e de

demonstrar a sua proficiência, num ambiente autêntico. Por isso, se devem criar oportunidades para que os estudantes possam interagir em actividades próximas da realidade e não apenas aprenderem uma construção linguística em ambientes artificiais.

As identidades estão sempre num estado de emergência e o mundo à nossa volta tem impacto na nossa língua, todavia o contexto não sempre dita o que podemos dizer ou como interagir na sociedade. É a voz que desempenha um papel fundamental nesse discurso sobre a identidade, como van Lier (1996) afirma: *“voice” give us the power change not only how others view us, but also, how we view ourselves.* (van Lier, 1996 apud Mantero, 2007, p. 9)

At times, it is when we listen to what we are saying during a specific activity that we realize exactly what we believe (or do not believe). (Mantero, 2007, p.9).

Numerosos estudos sobre a construção da identidade na sociedade chegaram à conclusão que o hibridismo, a internacionalidade e a flexibilidade das identidades são algumas das maiores características desta era pluralista. Estudos sobre a identidade em relação ao uso da língua, destacam a inter-relação entre identidade cultural e identidade linguística a qual estabelece uma nova dimensão para explorar a interligação da língua e cultura. Há muitas pesquisas interessantes que se concentram sobre as dificuldades e barreiras que os falantes não nativos experienciam na reconstrução duma nova identidade em termos de divergência cultural.

Não há país no mundo que seja composto de nativos homogêneos, cada um tem os seus imigrantes, os Outros internos, e cada sociedade, tal como o mundo onde vivemos, é um híbrido.

Um dos conceitos sobre a identidade como contributo para a formação e transformação individual, é a analogia que Harris chama *cultural supermarket*:

as the consumer market is flexible and more dynamic than the older ways of regulating identities, much more fluidity is apparent: people can change their identities more frequently, experiment with them, select more options from a cultural supermarket with far less commitment than before. (Harris, 1996 apud Mantero, 2007, p. 24)

Desta forma, os indivíduos podem gerir uma expansão constante de papéis em função da fragmentação da sociedade. Esta fragmentação foi realizada pelo desafio da globalização de culturas, economias e sociedade em função das tecnologias de informação e das viagens. De facto, a identidade torna-se algo *you shop for*.

Hall (1996) considerou alguns aspetos da identidade em relação à prática de discursos, representação e diferença. De acordo com o sociólogo, a identidade é construída dentro do discurso: precisamos compreender as identidades como produzidas em determinados sítios históricos e institucionais, dentro de formações e práticas discursivas, pelas estratégias enunciativas adequadas.

Todos os aspetos envolvidos no processo de construção identitária levam à conclusão que as identidades são construídas através de diferença no processo de mudança e transformação. Os indivíduos podem assumir múltiplas identidades coletivas, que estão aptas a mudar com o tempo, em diálogo com os Outros e que são responsáveis de conflitos com outros.

Além da relação língua-cultura, a intencionalidade da escolha do idioma é também uma questão central por considerações sobre a construção da identidade. As intenções do falante e as intenções dos outros interagem a fim de fazer da escolha linguística uma deliberação, carregada de expressões explícitas e conotações implícitas. Portanto, considerando a questão acima descrita, podemos constatar como a língua tem uma influência muito maior sobre a construção da identidade quando os indivíduos utilizam uma língua adicional na comunicação com pessoas nativas da língua de chegada.

Norton usa a palavra *identidade* para indicar como uma pessoa percebe a sua relação com o mundo, como esta relação vem construída ao longo do tempo e do espaço, e como compreende as oportunidades para o futuro.

Esta definição está estreitamente ligada ao conceito motivacional, que Norton associa ao de investimento, a fim de captar *the socially and historically constructed relationship of learners to the target language, and their often ambivalent desire to learn and practice it*. (Norton, 2000, p. 6)

Quando os estudantes investem na língua, eles fazem-no sabendo que irão adquirir uma gama mais vasta de recursos simbólicos e materiais, no sentido de aperfeiçoar o próprio capital cultural, a identidade e o desejos para o futuro. Assim, o investimento na língua-alvo torna-se um investimento na identidade do aprendente. Contudo, Norton (2000) contesta a pretensão de que um estudante de língua pode ser caracterizado como motivado ou desmotivado e com uma clara identidade, uma vez que a motivação e as identidades são construídas socialmente, mudando com o tempo e o espaço e, talvez, coexistindo no indivíduo de forma contraditória.

1.6 Reconsiderações gerais

Nesta primeira parte do trabalho tentámos ver como a reconfiguração política e geográfica da Europa levou ao desenvolvimento do fenómeno da mobilidade e da migração nos Estados Membros. A criação de um espaço comum europeu deu origem a uma sociedade sempre mais diversificada, tanto que a União Europeia começou a tomar medidas para procurar soluções comuns, que apoiassem o processo de integração linguística e cultural.

Para tal, foi necessário considerar os assuntos teóricos sobre a aprendizagem de línguas estrangeiras e a sua relação com o processo de construção e negociação da identidade do aprendente.

O que iremos fazer na segunda parte, será explicar mais detalhadamente os programas europeus que preparam os jovens para a mobilidade, em termos de conhecimentos linguísticos e sensibilidade a outras culturas.

Capítulo 2

2.1 A Europa em movimento

Como já foi visto no primeiro capítulo, a União Europeia é um espaço comum onde diferentes culturas, línguas e povos coexistem. O desenvolvimento da União Europeia, a partir do Tratado de Maastricht, instituiu uma redefinição do estatuto do estrangeiro. Os cidadãos dos Estados Membros, adquiriram um novo estatuto político que se coloca entre o nacional e o estrangeiro. Um dos direitos básicos dos cidadãos europeus é que eles podem viver livremente nos territórios dos Estados Membros. Todavia, o número de cidadãos que vivem num outro estado da UE é extraordinariamente baixo, não obstante todas as iniciativas políticas adoptadas para favorecer a mobilidade.

The vast majority of its citizens are “immobile” nationals, settled within their national borders which they only leave for short trips. The discrepancy between rights and reality is blatant in the area of European citizenship. (Close, 1995 apud Murphy-Lejeune)

De facto, a diversidade europeia constitui a grande oportunidade de que a Europa pode desfrutar a fim de apoiar o desenvolvimento das competências necessárias para reduzir as diferenças de culturas, comunidades ou grupos linguísticos.

É a partir deste contexto que serão analisados, sem seguir a ordem cronológica, alguns dos mais importantes projectos europeus aptos a garantir a mobilidade dos estudantes europeus com fins linguísticos.

2.2 Os Programas de Apoio

A procura da criação de laços mais fortes e mais homogéneos no domínio do ensino superior entre os diferentes Países que constituem a União Europeia, conduziu à criação da *Dimensão Europeia do Ensino Superior* de forma a promover a competitividade, a mobilidade e a empregabilidade, reduzindo as desigualdades sociais quer a nível nacional

quer ao nível europeu, cujas diretrizes foram aprovadas pela Declaração de Sorbone em 1998.

1999 foi um ano muito importante que viu a aprovação da Declaração de Bolonha: *Esta Declaração deu origem a um movimento europeu com importantes repercussões a nível social, cultural e económico cujo objectivo central era “o estabelecimento até 2010 dum Espaço Europeu de Ensino Superior, coerente, compatível, competitivo e atractivo para estudantes europeus e de países terceiros, Espaço que promova a coesão Europeia através do conhecimento, da mobilidade e da empregabilidade dos diplomados, forma de assegurar um melhor desempenho afirmativo da Europa no Mundo. [...] Pretende-se não só preservar a riqueza cultural e a diversidade linguística da Europa, baseadas na herança diversificada de tradições, como aumentar o potencial de inovação e de desenvolvimento sócio-económico, através da crescente cooperação entre as instituições europeias do ensino superior.* (Portal web DGES)⁵

Para tornar a Europa moderna uma *Europa do Conhecimento* há necessidade de atingir os seguintes objectivos:

- Graus facilmente legíveis;
- Sistema de dois ciclos principais;
- Sistema de créditos europeu - ECTS;
- Promoção da mobilidade;
- Garantia da qualidade;
- Dimensão europeia do ensino superior;
- Informação;
- Reconhecimento das qualificações;
- Elaboração de uma estrutura europeia de qualificações - a partir do *estabelecimento do primeiro e segundo ciclos do ensino superior.*

Seguiram-se logo uma série de declarações e documentos, todos centrados na valorização da aprendizagem das línguas estrangeiras no ensino superior.

⁵ <http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Reconhecimento/Processo+de+Bolonha/> acesso em Novembro 2013

Além dos documentos acima mencionados, encontram-se outros mais específicos, tais como: *The White paper on education and training - towards the learning society* de 1995; *The European language portfolio* em 2000; *Multilingualism and new learning environments*, em 2001; *The Bologna process and the issues of languages* e *Promoting language learning and linguistic diversity – consultation*, ambos de 2002; o mais recente, *The Nancy declaration* (2006).

Todos estes documentos, que à primeira vista podem parecer uma mera listagem de iniciativas europeias, na verdade, servem para chamar a atenção para a importância das línguas no ensino superior, em relação à necessidade de melhorar a qualidade da mobilidade dos estudantes e do pessoal docente, a necessidade de promover a dimensão europeia do ensino superior através de cooperações inter-institucionais e desenvolvimento curricular; finalmente, demonstram também a necessidade de criar programas para reforçar a empregabilidade no mercado de trabalho europeu. Todos estes aspectos requerem uma reconsideração do fenómeno da mobilidade para fins de aprendizagem.

Os objectivos da União Europeia a tal propósito, remontam aos anos '80, mais especificamente a 1987, quando foi fundado o Programa *Erasmus*. Seguiu em 1989 o programa Língua, que foi mais tarde integrado nos dois grandes projectos educativos, *Sócrates* e *Leonardo da Vinci*.

Em 2006 o Parlamento e o Conselho Europeu instituiu o programa de *Aprendizagem ao longo da vida* (PALV). Como se lê no portal *web* da União Europeia, o PALV insere-se nos programas comunitários de educação:

O Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida tem como objectivo geral contribuir para o desenvolvimento da Comunidade enquanto sociedade do conhecimento avançada, em conformidade com os objectivos da estratégia de Lisboa. Apoiado e completado pela acção dos Estados-Membros, destina-se a promover os intercâmbios, a cooperação e a mobilidade entre os sistemas de ensino e formação na Comunidade, a fim de que estes passem a constituir uma referência mundial de qualidade.

O objectivo do programa é desenvolver os intercâmbios, a cooperação e a mobilidade, a fim de que os sistemas de ensino e formação passem a constituir uma referência mundial de qualidade, em conformidade com a estratégia de Lisboa. Deste modo, o programa contribui para o desenvolvimento da Comunidade enquanto sociedade do conhecimento avançada, caracterizada por um crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos e uma maior coesão social.

O PALV abrange seis subprogramas, dos quais quatro são sectoriais, e reúne também os precedentes programas Erasmus, Sócrates e Leonardo da Vinci. Todas as acções integram plenamente, os objectivos da Estratégia de Lisboa em matéria de aprendizagem e mobilidade.

Os seis subprogramas são respectivamente: *Comenius* (para as escolas), *Erasmus* (para o ensino superior), *Leonardo da Vinci* (para a formação e ensino profissionais), *Grundtvig* (para a educação dos adultos), *eTwinning* (para comunidade de escolas da Europa), *Transversal* (para uma cooperação europeia entre instituições ou beneficiários individuais), *Jean Monnet* (para as instituições e associações que actuem no domínio da educação e da formação à escala europeia).

Podem participar nos vários programas os Estados-Membros da União Europeia, Islândia, Liechtenstein, Noruega, Suíça, os países candidatos e os países dos Balcãs Ocidentais.

2.3 O Programa Erasmus

O programa *Erasmus*, acrónimo de *European Region Action Scheme for the Mobility of University Students*, foi adoptado pela União Europeia em 1987, apesar do projecto ter sido originalmente fundado pela associação de estudantes EGEE. O plano foi logo integrado nos programas *Sócrates* (1994-1999) e *Sócrates II* (2000-2006) e a partir do 2007 foi integrado no programa *Aprendizagem ao longo da vida*.

Desde o seu lançamento, 3244 estudantes passaram um tempo estudando num dos 11 Países que inicialmente participaram ao programa.

O *Erasmus* oferece a possibilidade de estudar num dos estados-membros, durante um período entre os 3 e os 12 meses.

O programa *Erasmus* diz respeito ao ensino superior formal, bem como a educação e formação profissionais de nível superior, independentemente da duração do curso ou da qualificação, incluindo os estudos de doutoramento.

No portal oficial, o programa é apresentado como tendo como prioridade melhorar, reforçar e desenvolver:

- *A mobilidade (incluindo a respectiva qualidade), que deverá atingir três milhões de pessoas até 2012;*
- *As acções de cooperação entre estabelecimentos de ensino superior e entre estes e as empresas em termos quantitativos (incluindo a respectiva qualidade);*
- *A transparência e a compatibilidade entre as qualificações obtidas;*
- *As práticas inovadoras e sua transferência entre países;*
- *O desenvolvimento de conteúdos, serviços, pedagogias e práticas inovadores, baseados nas TIC.*

Apoia as seguintes acções:

- *A mobilidade de estudantes (estudos, formações ou estágios), do pessoal docente e de outro pessoal em estabelecimentos de ensino superior e de pessoal das empresas, para efeitos de ensino ou formação, os programas intensivos Erasmus organizados a nível multilateral, bem como a ajuda a estabelecimentos de origem e de acolhimento, tendo em vista garantir a qualidade da mobilidade. As acções de mobilidade representam, pelo menos, 80% do montante atribuído a este programa;*
- *Os projectos multilaterais centrados na inovação, na experimentação e no intercâmbio de boas práticas;*
- *As redes multilaterais, como as «redes temáticas Erasmus», geridas por consórcios de estabelecimentos de ensino superior e que representam uma disciplina ou um domínio interdisciplinar;*
- *As medidas de acompanhamento.*

Além disso, o programa *Erasmus* oferece aos estudantes a oportunidade de estudar a língua do país de acolhimento, num período de duas a seis semanas. Os cursos intensivos de língua (EILC-Erasmus Intensive Language Course), que juntam os estudantes e o pessoal Docente da Instituição de Ensino Superior, têm os seguintes objectivos:

- *Encorajar o ensino eficiente e multinacional de tópicos especiais, que de outra forma não teriam a possibilidade de ser leccionados;*
- *Permitir que estudantes e docentes trabalhem em grupos multinacionais e beneficiem assim de condições de aprendizagem e ensino especiais;*

- *Permitir que os docentes troquem experiências no âmbito de conteúdos programáticos e novas abordagens curriculares, e testem métodos de ensino num ambiente internacional.*

A partir de Janeiro de 2014, o projecto *Erasmus* foi integrado no novo programa Europeu, o ERASMUS+ (ou *Erasmus Plus*), com o objectivo de combinar todas as acções europeias em matéria de educação, formação profissional, juventude e desporto.

O relatório final *Erasmus* relativo ao ano letivo 2011-2012, disponível no sítio electrónico da União Europeia, descreve a evolução do programa, em termos de adesão, da seguinte maneira:

During the academic year 2011-12, 33 countries took part in the Erasmus Programme: the 27 EU Member States, Croatia, Iceland, Liechtenstein, Norway, Switzerland and Turkey. In 1987, 3 244 students from 11 countries spent a study period abroad under the Erasmus Programme. Some 25 years later, in 2011-12, the Programme is nearly 80 times larger, with more than 250 000 students and 46 000 staff spending a mobility period abroad. [...]. It contributes significantly to the Bologna goal that by 2020 at least 20 % of all graduates from the European Higher Education Area should have spent a period of time studying or training abroad. (European Commission, p. 5) ⁶

⁶ http://ec.europa.eu/education/library/statistics/ay-12-13/facts-figures_en.pdf acesso em Dezembro 2013.

2.4 Perfil do Estudante em Mobilidade

O estudante europeu em mobilidade representa uma nova forma de migração; nova porque a permanência no novo território será temporária. Todavia, esta forma de migração, não é diferente da concepção clássica a que estamos habituados que implica um movimento físico e geográfico fora do país de origem.

Podemos afirmar que este tipo de estudante é posicionado entre o conceito clássico de migração e o mais moderno de mobilidade, explicado como se segue:

*Migration denotes movements outside one's country of origin into another for a variety of reason, leading to changes in residence ad legal status. By contrast, mobility is a more general term which applies to phenomena other than movements from one national territory to another. It emphasizes first and foremost change. It refers to a specific quality or condition, that of being "capable of movement, not fixed, characterized by facility of movement, easily changing, free."*⁷ (Murphy-Lejeune, 2013, p.4)

No âmbito da aprendizagem de línguas estrangeiras, muitos autores defenderam a ideia de que os programas de estudo no estrangeiro, resultam ser o meio ideal para entender as relações entre os produtos, as práticas e as perspectivas em relação à cultura-alvo e o exercício melhor para que os estudantes possam desenvolver as competências comunicativas e interculturais. E também:

Students studying and living in another cultural and linguistic environments have been shown to attain increased language proficiency (Freed,1995; Matsumara, 2001; Yager, 1998 apud Mantero, 2007, p. 208), world-mindedness, independence, tolerance for ambiguity, self-esteem, and empathy after a study abroad program. (Clarcson & Widaman, 1988; Laubscher, 1994 apud Mantero, 2007, p.189)

Todavia no contexto europeu, embora tenham sido publicados numerosos documentos para examinar, monitorar e avaliar as organizações de intercâmbio, há ainda poucos estudos sobre o conceito de identidade, neste caso em particular. Todos os estudos,

⁷ Aspas não minhas

de facto, concentram-se primeiramente sobre dados estatísticos, sem considerar como os participantes vivem no estrangeiro a nível de experiência e perspectivas pessoais, uma vez que deixam a cultura de origem para imergir na língua-alvo.

2.5 Aquisição e desenvolvimento das competências interculturais

Um importante fator dos programas de estudo no estrangeiro, pressupõe que a exposição a culturas e condições de vida diferentes promove uma compreensão positiva do “outro”. Reconhecendo as vantagens duma experiência de imersão linguística e cultural, os estudantes esperam alcançar uma imediata fluência e compreensão intercultural. Contudo, uma atitude positiva não basta para garantir uma compreensão e tolerância em relação a outras culturas e outras línguas.

O processo de identificação e compreensão intercultural, pode ser fortemente influenciado por muitos outros factores, entre os quais há possivelmente um conhecimento prévio da cultura, uma fluência linguística, a duração de residência na nova cultura e a distância cultural.

A comunicação intercultural é muito mais de que aprender e falar uma língua estrangeira. Segundo Edward T. Hall (1977) “*Culture is communication*”, no sentido em que todas as formas de comportamento, pensamento, valores caracterizam a cultura e comunicam algo acerca dela.

Quando um estudante chega a um ambiente cultural estrangeiro, diferente do de origem, descobre um sistema de comunicação totalmente novo mesmo que conheça ou saiba a língua. Deve-se também considerar que, por outro lado, quando o indivíduo comunica com alguém na sua própria sociedade, há uma ampla base de experiências culturais partilhadas, como valores, comportamentos habituais, formas de pensar e perceber, que servem para fornecer o contexto da interação. Por isso, para um estudante em mobilidade, é importante reconhecer a existência dum código cultural assim como dum código linguístico, que precisa de ser aprendido rapidamente para o estudante progredir rapidamente na aprendizagem intercultural.

Dum ponto de vista meramente linguístico, uma experiência de estudo no estrangeiro é considerada como uma oportunidade única de praticar e familiarizar-se com

uma língua estrangeira em termos de informações e interações linguísticas, tanto no plano quantitativo como no plano qualitativo.

Contudo, estudos revelam que a imersão cultural assim como a aprendizagem da língua-alvo não é garantida se os estudantes *are limited to their own perspectives when attempting to comprehend cultural differences*. (Wilkinson, 1998 apud Mantero, 2007, p.190). De facto, acontece frequentemente que os participantes nos programas de intercâmbios, sobretudo por um período mais curto, experienciam um contacto superficial com a cultura local, uma prática linguística inadequada, tendendo a ficar em grupo, o que os isola das pessoas locais. Há casos em que os estudantes no estrangeiro, não compreendem nada da cultura onde estão temporariamente imersos.

Por outro lado, pode-se supor que uma imersão na comunidade local combinada com aulas formais de línguas, cria uma situação mais propícia para a aprendizagem duma língua estrangeira. Há também estudos que demonstram como uma experiência prévia de aprendizagem de uma LE poderá abrir caminho para o sucesso no estrangeiro.

Freed, por exemplo, chega à conclusão do que:

Those who have been abroad appear to speak with greater ease and confidence, expressed in part by a greater abundance of speech, spoken at a faster rate and characterized by fewer dys-fluent-sounding pauses. As a group, they tend to reformulate their speech to express more complicated and abstract thoughts, display a wider range of communicative strategies and a broader repertoire of styles. (Freed, 1998, p. 50)

Há outros autores que têm concentrados as suas pesquisas sobre a percepção que o estudante tem em relação ao ambiente social e ao grau de importância que ele dá à interação comunicativa a fim de desenvolver o nível linguístico.

Outros estudos implicam a importância da socialização com as pessoas nativas para melhorar a competência linguística.

Considerando os estudos de DeKeyser (2007), constatamos que os estudantes que participam em programas de estudos no estrangeiro, fazem progressos consideráveis na língua falada, sobretudo no que diz respeito à fluência, mas não exclui que:

Even during a stay overseas, students experience a lack of real practice time, of opportunities for proceduralization, of immediate and explicit feedback, and of active

negotiation of meaning in challenging conversations. Sometimes, even conditions for ample comprehensible input are not met. (DeKeyser, 2007, p. 216-217)

O contexto de aquisição é muito importante, em termo de “aprendizagem” cultural, e já vimos como ele tem também consequências em termos linguístico. Em relação à aprendizagem de línguas, especialmente no estrangeiro, o contexto torna-se um aspecto crucial de aquisição.

Quando o estudante chega a um novo ambiente linguístico e social, é obrigado a comunicar e, ainda assim, pode não ter todos os meios, capacidades ou disposições necessários. Por isso o estudante deve ao mesmo tempo aprender e comunicar.

De acordo com de Bot et al (1991) *there is to date no conclusive evidence to show that study abroad per se leads to cross-cultural understanding, or to the development of the cross-cultural personality.* (de Bot, Ginsbeg, Kramsch, 1991, p. 23)

Por isso os estudos sobre os programas de mobilidade começaram a investigar outros aspectos do processo de aquisição duma L2, como a aquisição de competências sociolinguísticas.

Em relação a este factores, muitos estudos comprovam que o contacto com os falantes nativos, são, em vários graus, elementos importantes do conhecimento sociolinguístico e sociocultural. É bastante evidente que os estudantes com uma forte motivação de integração, querem identificar-se com os membros da comunidade linguística.

How to “fit in” to the native speaker community frequently seems to be a goal for those who go abroad to live for a time in the native speech community. It seems equally clear that this accommodation involves more than structural and grammatical knowledge. It is not clear, however, what makes the speaker sound native. (Regan, 1998, p.77)

Este “soar mais como um falante native”, assim como Regan afirma, envolve uma competência sociolinguística em termos linguísticos, pragmáticos, bem como culturais. Por isso, uma experiência de estudo no estrangeiro influencia a aquisição de variações linguísticas, entre as quais os aspectos fonológicos, de estilo e de formalidade.

2.6 A construção individual durante os programas de estudo no estrangeiro

A compreensão cultural é considerada como um processo de desenvolvimento em que o estudante, quando chega ao estrangeiro, passa de uma visão cultural etnocêntrica para um reconhecimento e aceitação das várias perspectivas e diferenças culturais. Esta passagem é útil porque permite ao estudante, identificar onde ele e/ou os Outros estão situados, nas diferentes fases de desenvolvimento e crescimento pessoal.

Bateman explica que *learning to understand native and target culture perspectives, products, and practice therefore challenges the learner's sense of self and cultural identity*. (Bateman, 2002 apud Mantero, 2007, p. 191)

Contudo, o processo de construção individual numa sociedade estrangeira apresenta muitos obstáculos. Pellegrino compara este processo de construção com um espectáculo realizado em um palco. A autora afirma:

As in any performance, the actor plays to an audience. The spectators express mixed reactions- some playing the critic, displaying frowns, laughter, and, at times, outright insults, while others act as the undying fans, proud of the actor and ready to support all offerings. The actor looks to the audience as a measure of his or her performance, hoping to understand through critics and fans the picture he or she is publicly presenting. Yet, the greatest critic is the individual performer, who observes himself or herself from all angles and ultimately decides whether the performance has been a success. (Pellegrino, 2005, p. 54)

A comunidade linguística, assim como descrito, exerce um papel fundamental para o processo de desenvolvimento e apresentação da identidade individual. O poder exercido pela comunidade linguística sobre a representação pessoal, influencia positivamente ou negativamente o uso da língua-alvo.

O sentimento de segurança e auto-estima do estudante assim como a auto-apresentação podem ser afectado por factores sociais, que são externos ao estudante ou por factores psicológicos, que são internos.

- O factor social externo: quando numa interação, o estudante observa o comportamento e a atitude (real ou suposta) que o interlocutor tem em

relação a ele mesmo. A interação na língua segunda pode também ser condicionada pelas características pessoais do interlocutor quais idade, género e o aspecto físico.

- O factor interno é a atitude e convicção que o estudante tem em relação a si, aos outros, à língua estrangeira, à própria cultura, à cultura estrangeira e ao processo de aprendizagem linguística. Factores internos incidem também na capacidade do estudante de prever o sucesso ou insucesso da sua performance linguística, baseando-se na familiaridade com o contexto interacional, assim como nas crenças comuns com o interlocutor.

O sentimento de identidade do aluno nas interações sociais está intrinsecamente ligado à língua que ele usa. Se o papel central da língua é de actuar como catalisador para a interacção social, então o ambiente social da comunicação linguística desempenha um papel importante na avaliação pessoal do estudante.

Os elogios, juntos com uma crítica construtiva, são elementos vitais para melhorar o nível das performances na L2. Numa sala de aula, por exemplo, os estudantes de línguas estão habituados a receber, regularmente, uma avaliação sobre os progressos individuais na aprendizagem. Pelo contrário, embora os programas de estudo no estrangeiro forneçam aulas da língua local, a maioria das oportunidades de interação ocorrem em situações improvisadas com estrangeiros ou em conversas casuais com amigos.

Frequentemente a distância social e a hierarquia entre os estudantes e os seus interlocutores dão vida a uma relação que pode soar artificial e imprevisível. Por esta razão o falante nativo, com ou sem conhecimento, torna-se uma fonte de avaliação linguística:

Interlocutors' facial expressions, mannerisms, evaluative comments, and responses to learner's use of the L2 convey information to learners about the success or failure of their communicative efforts and about how others accept them. This information feeds directly into the learner's sense of self, and, consequently, informs further L2 use. (Pellegrino, 2005, p. 56)

2.7 A adaptação cultural

Uma das principais vantagens dos programas de estudos no estrangeiros, é o de aprender uma nova cultura e adaptar-se a um novo ambiente de aprendizagem através de experiências da vida real.

Antes de tudo, para poder falar das experiências e das comunicações interculturais, deveríamos explicar o conceito de choque cultural (*culture-shock*). O antropólogo James Oberg usou pela primeira vez em 1960 o termo *culture-shock* para descrever o sentimento profundo de ansiedade e desorientação que a pessoa que viaja para outros países experiencia, a partir do momento em que os sinais e os símbolos familiares da sua vida quotidiana desaparecem. Portanto são os sintomas que podem surgir no momento de adaptação à culturas diferentes.

Os seis aspectos principais do *choque-cultural* que Oberg listou são os seguintes:

- *Strain caused by the effort to adapt;*
- *Sense of loss and feelings of deprivation in relation to friends, status, profession and possessions*
- *Feeling rejected by or rejecting members of the new culture*
- *Confusion in role, values and self-identity*
- *Anxiety and even disgust/anger about 'foreign' practices*
- *Feelings of helplessness, not being able to cope with the new environment.*

Experimentar uma nova cultura pode ser visto como uma surpresa desagradável ou, neste caso, choque, quando as expectativas não coincidam com a realidade.

Todavia o choque cultural não deve ser considerado algo de negativo, nem um sinal de futuros insucessos. Ao contrário, o choque cultural em todas as suas diversas formas, faz parte do normal processo de adaptação.

A causa principal do choque cultural reside no encontro com as diferenças. Por diferenças, neste caso, pretendemos dizer os diversos valores, comportamentos, estilos de

comunicação e esquemas de pensamentos. Por isso, quando o estudante começar a encontrar diferenças nas formas mais simples do quotidiano, os seus comportamentos podem não ser compreendidos e a percepção de si que ele teve até então, torna-se confusa. O sistema pelo qual ele governava ou identificava a sua atitude desaparece ou passa a significar outras coisas na nova cultura.

Claramente a reacção em relação à nova cultura varia de pessoa para pessoa e, geralmente, emerge da forma de aprendizagem. Quando no estrangeiro, o estudante consegue identificar-se, rapidamente, nos valores da nova cultura, cujos comportamentos se tornam familiares para ele, então muitos dos elementos da nova sociedade começam a parecer mais aceitáveis.

A aprendizagem cultural e intercultural estão portanto, estreitamente ligadas à experiência individual de cada estudante quando está no estrangeiro.

Oberg (1960) desenvolveu um modelo dos vários estados de adaptação, pelos quais passa a maioria das pessoas quando chega a um país estrangeiro. Este modelo foi definido como Teoria da curva em U (*U-Curve Theory*); posteriormente, Taylor e Gullahorn (1963) desenvolveram a curva em W que inclui também a fase de repatriação. As fases são assim denominadas e explicadas:

1. Lua de mel (*Honeymoon stage*): caracteriza-se pela visão excitante, positiva e estimulante do novo ambiente. Há uma abertura e curiosidade combinada com uma prontidão para aceitar o que vier. Essa fase de encantamento pode durar desde poucos dias até seis meses.
2. Choque cultural (*Culture-Shock stage*): a experiência do recém-chegado pode levar a uma crescente desorientação e ansiedade por não saber o que se passa, uma vez que toma consciência da perda dos sinais e símbolos familiares de inter-relação social.
3. Ajuste (*Adjustment stage*): caracteriza-se pela aceitação do problema. Esta fase envolve um compromisso entre a fase inicial de *honeymoon* e a fase de *culture-shock*. O compromisso é também entre as expectativas exageradas e a realidade.
4. Domínio (*Mastery stage*): caracteriza-se pela fase de aquisição gradual de novas bases de interpretação da realidade e novos padrões de comportamento, até alcançar um domínio suficiente do ambiente.

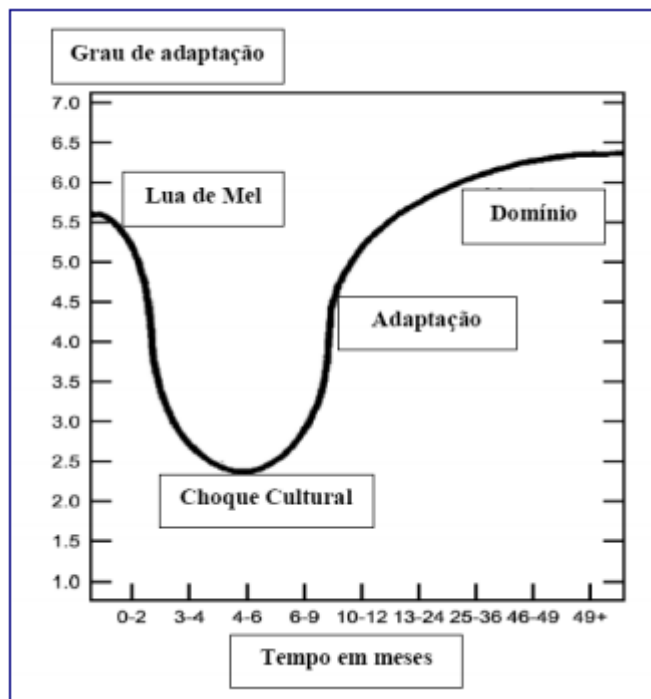


Figura 1: Curva em U⁸

O desenvolvimento da teoria W (literalmente duplo U) feito por Taylor e Gullahorn (1963), foi sugerido pela observação de que o indivíduo quando regressa a casa passa por uma situação análoga ao de choque-adaptação.

A passagem pelos estados de choque cultural e adaptação intercultural é acompanhada por novos desafios e mudanças na identidade do estudante. O sentimento de isolamento, que pode ocorrer durante a estadia num outro país, deve ser entendido como um trampolim para a criação e evolução duma nova identidade.

A aprendizagem cultural é um processo de transformação e crescimento. Quando o processo de aprendizagem cultural é bem sucedido, o estudante passa de um ponto de partida monocultural para um mundo maior, onde ele é capaz de desenvolver novas perspectivas, de aprender novas formas mentais, comportamentais e emocionais e de criar pontes interculturais. Torna-se, em breve, uma nova pessoa cultural. Como afirma Hess (1997, p. 10) *culture is a powerful force, created over a long period of time for its own members. A culture is a contained and coherent, with its own internal logic and unspoken*

⁸ FONTE http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512011000400011

laws. It is dynamic. Its energy is capable of thwarting you or of making your culture learning an exciting passage.

Iremos apresentar tratar neste estudo, mais adiante, o caso concreto dos estudantes Erasmus em Lisboa, a fim de ver o seu relacionamento com a língua e cultura portuguesa.

Capítulo 3

3.1 Erasmus: objectivos

Nos últimos anos desenvolveram-se muitos projectos para a mobilidade de estudantes europeus e não. O mais comum e difundido é o projecto Erasmus, que permite aos estudantes universitários que pertencem à União Europeia e aos Países do espaço económico Europeu, de estudar ou fazer um estágio num dos Países da UE, num período que vai desde 3 até 12 meses, como já foi dito antes.

O programa e objectivos do Erasmus é assim descrito no portal web da UE: *O programa Erasmus diz respeito ao ensino superior formal, bem como a educação e formação profissionais de nível superior, independentemente da duração do curso ou da qualificação, incluindo os estudos de doutoramento*⁹.

Os dois objectivos específicos são: apoiar a criação de um Espaço Europeu do Ensino Superior; e reforçar o contributo do ensino superior e do ensino profissional avançado para o processo de inovação.

Assim, o programa tem objectivos operacionais cuja prioridade é melhorar, reforçar e desenvolver:

- A mobilidade (que já atingiu três milhões de pessoas no ano 2012/2013).
- As acções de cooperação entre estabelecimentos de ensino superior e entre estes e as empresas em termos quantitativos (incluindo a respectiva qualidade).
- A transparência e a compatibilidade entre as qualificações obtidas.

9

http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/general_framework/c11082_pt.htm acesso em Fevereiro 2014

- As práticas inovadoras e sua transferência entre países.
- Os conteúdos, serviços, pedagogias e práticas inovadores, baseados nas TIC.

O programa Erasmus pode apoiar as seguintes acções:

- A mobilidade de estudantes (estudos, formações ou estágios), do pessoal docente e de outro pessoal em estabelecimentos de ensino superior e de pessoal das empresas, para efeitos de ensino ou formação;
- Os programas intensivos Erasmus organizados a nível multilateral, bem como a ajuda a estabelecimentos de origem e de acolhimento, tendo em vista garantir a qualidade da mobilidade.
- Os projectos multilaterais centrados na inovação, na experimentação e no intercâmbio de boas práticas.
- As redes multilaterais, como as “redes temáticas *Erasmus*”, geridas por consórcios de estabelecimentos de ensino superior e que representem uma disciplina ou um domínio interdisciplinar.
- As medidas de acompanhamento.

Como já foi referido antes, o programa *Erasmus* é um subprograma do Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida, quando foi integrado no programa maior *Erasmus+*. Nessa qualidade, foram seus objectivos:

- Contribuir para o desenvolvimento de uma aprendizagem de qualidade ao longo da vida e das possibilidades por ela conferidas;
- Reforçar a realização pessoal, a coesão social, a cidadania activa e a cidadania europeia;
- Promover a criatividade, a competitividade e a empregabilidade;
- Aumentar a participação na aprendizagem ao longo da vida;
- Promover a aprendizagem e a diversidade linguística;
- Explorar os resultados, os produtos e os processos inovadores.

3.2 Dados sobre a mobilidade dos estudantes

No ano lectivo 2012/ 2013, foram 9894 os estudantes que escolheram Portugal como destino escolhido para o programa Erasmus. Entre eles, 2636 oriundos de Espanha, 1284 da Polónia e 1277 da Itália.¹⁰

A universidade portuguesa que acolheu o maior número de estudantes estrangeiros foi a Universidade Técnica de Lisboa, que ocupa também o 16º lugar, na classificação das instituições europeias mais escolhida pelos alunos da União Europeia.

A nível europeu, a Espanha foi o país que enviou mais jovens para estudar no estrangeiro, seguida da Alemanha, França e Itália. Os mesmos países, juntamente com o Reino Unido, foram os destinos mais populares, sendo que receberam quase o dobro dos estudantes que enviaram.

Para a *Erasmus Student Network* Lisboa, no ano lectivo 2012\2013, Lisboa recebeu cerca de 3000 estudantes Erasmus, entre os quais 1800 no primeiro semestre e 1200 no segundo. Os dados são aproximados, mas resultam úteis para se ter uma ideia da situação actual. A comunidade espanhola parece ser a mais numerosa, seguida da italiana, da alemã e da polaca.

Desde o início deste programa de mobilidade em 1987, Portugal é um participante assíduo. Há dez anos, apenas 805 alunos escolheram Lisboa. Entre o ano 2001 e 2007, 25.413 estudantes estudaram em Portugal graças ao programa Erasmus; entre eles, 9895 fizeram-no em Lisboa. Verifica-se também que, entre 2001 e 2007, o número de Erasmus em Portugal quase triplicou.

3.3 Os cursos de Língua para os estudantes Erasmus

Um dos objetivos do *Erasmus* é facilitar e desenvolver a mobilidade física dos estudantes universitários e promover também a aprendizagem das línguas europeias.

¹⁰ Ficha de dados em http://ec.europa.eu/education/library/statistics/ay-12-13/facts-figures_en.pdf acesso em Fevereiro 2014

Em 2012\2013, segundo o relatório de Julho 2014, foram organizados 465 cursos de *Erasmus Intensive Language Courses* (EILCs), em 26 Países. Portugal ocupa a segunda posição por número de estudantes que participaram no EILC (449 estudantes).

Os EILC permitem aos estudantes Erasmus, que visitem esses países para a realização de períodos de estudos ou de estágios, a oportunidade de estudar a língua alvo por períodos compreendidos entre duas e seis semanas, com o objetivo de se prepararem para o seu período de mobilidade Erasmus.

Em Lisboa, as Universidades organizam cursos de língua portuguesa para estrangeiros. Há Universidades onde as aulas de PLE estão incluídas no plano de estudos do estudante Erasmus, portanto os cursos são gratuitos e sujeitos a uma avaliação final para que os alunos Erasmus possam receber os ECTS correspondentes. Este é, por exemplo, o caso das *Business school*, na Universidade Católica Portuguesa ou na Universidade Nova de Lisboa. A Universidade Católica de Lisboa organiza cursos de PLE intensivos ou extensivos. O cursos intensivos têm uma duração de 18 horas e funcionam, geralmente, durante as primeiras semanas do semestre, correspondendo a 1,5 ECTS. O curso extensivo, ao invés, decorre ao longo do semestre, num total de 54 horas e corresponde a 4,5 ECTS.¹¹ A Universidade Nova de Lisboa disponibiliza dois cursos: um curso intensivo de 30 horas, que se divide em dois níveis: A1 e A2; no final de cada curso é emitido um certificado de frequência; e um curso semestral, que funciona em aulas de 2 horas, duas vezes por semana, e corresponde a 4 ECTS. Diferente é o caso, por exemplo, da Universidade de Lisboa, que também dispõe de cursos de PLE vocacionados para os alunos Erasmus, mas neste caso o estudante deve pagar uma propina de 75€. O curso divide-se também em intensivo e semestral: o curso intensivo tem uma duração de 60 horas, enquanto o curso semestral é de 56 horas. É composto por 4 níveis relativamente: A1, A2, B1 e B2.¹² O ISCTE-IUL oferece cursos de LP para os estudantes estrangeiros em mobilidade. Disponibiliza diferentes cursos, por um valor de cerca de 100 euros, que correspondem cada um a 6 ECTS. Há dois cursos de 30 horas ou seja o curso intensivo e o de nível intermédio, e dois cursos de 36 horas relativamente aos níveis de iniciação e elementar¹³.

11

<https://www.clsbe.lisboa.ucp.pt/site/custom/template/fceetplgeneric.asp?sspageID=605&lang=1> acesso em Abril 2014

12 <http://www.iclp.letras.ulisboa.pt/> acesso em Abril 2014

13 http://www.iscte-iul.pt/internacional/Study_at_ISCTE-IUL/CursoPortugues.aspx

3.4 Metodologia de recolha de dados

Esta parte final do trabalho tem como objectivo analisar e um corpus de entrevistas semi estruturadas realizadas junto de estudantes que estiveram em Lisboa ao abrigo do Programa Erasmus. Para conseguir recolher os dados necessários ao meu estudo, escolhi uma metodologia qualitativa, que envolve dez entrevistas a estudantes estrangeiros que participaram, durante o ano letivo 2012/2013, no programa Erasmus em Lisboa.

As entrevistas foram efectuadas entre Dezembro 2013 e Fevereiro 2013, ou seja, quando os estudantes já tinham acabado o *Erasmus* e já tinham regressado ao país de origem. Com a excepção de dois estudantes, cujas entrevistas foram feitas pessoalmente, todas as outras foram efectuadas via *Skype*.

Escolher como método de recolha dados as entrevistas semi estruturadas, permitiu aos estudantes ter uma maior espontaneidade nas respostas, tanto que as entrevistas têm uma estrutura mais narrativa. De facto, esta metodologia permite aos entrevistados falar livremente sobre o assunto, duma forma flexível e aprofundada mas sem se afastar do tema principal. As entrevistas semi estruturadas permitem também ao entrevistador de obter informações *about the meaning of observing behaviours, interactions, artefacts and rituals, with questioning emerging over time as the investigators learn about the setting*. (DiCicco-Bloom, Crabtree, 2006, p. 315)

Além disso, as entrevistas semi estruturadas são organizadas com base num conjunto de perguntas abertas, previamente preparadas, o que permite que eventualmente a ordem das perguntas possa ser alterada. O escopo deste tipo de entrevista é ter uma forma mais conversacional; *The main job is to get the interviewee to talk freely and openly while making sure you get the in-depth information on what you are researching*. (Keller, Conradin¹⁴)

As perguntas que orientaram as entrevistas são as seguintes:

I. Porque escolheu Lisboa para o seu Erasmus?

¹⁴ <http://www.sswm.info/print/2363?tid=1239> acesso em Janeiro 2014

- II. Quais foram as maiores dificuldades encontradas ao início da estadia?
- III. Como conseguiu ultrapassar estas dificuldades?
- IV. Como foi a sua relação com a comunidade portuguesa, língua e cultura?
- V. Como enfrentou o regresso no seu país e onde coloca Lisboa agora?
- VI. Acha que Lisboa mudou a sua personalidade, os seu planos em relação ao futuro?

Por tal iremos inserir estas perguntas em três grupos principais quais:

- 1) Caracterização do público alvo (nacionalidade, sexo, idade, universidade, curso e ano de estudo, escolha do país do destino);
- 2) Estadia (período de adaptação, dificuldades linguísticas ou/e culturais, relações interpessoais seja com a comunidade portuguesa que com os outros alunos Erasmus);
- 3) Regresso (sentimentos por Lisboa, Portugal e o seu povo, mudança de planos futuros depois do Erasmus, transformação pessoal)

3.5 Caracterização do público alvo

Nesta primeira fase delineou-se o perfil dos entrevistados, portanto dividimos o grupo de dez estudante neste modo:

Nacionalidade	Sexo	Curso de estudo e universidade	Ciclo de estudo
Espanha 1	F	Ciências da comunicação Universidade Autónoma	Licenciatura
Espanha 2	F	Economia Universidade Nova	Licenciatura
Alemanha 1	M	Arquitectura Universidade Lusíada	Licenciatura
Alemanha 2	M	Economia Universidade Católica	Mestrado
França 1	M	Planeamento e Gestão do território Universidade de Lisboa	Licenciatura
França 2	F	Planeamento e gestão do território Universidade de Lisboa	Licenciatura
França 3	M	Planeamento e gestão do território Universidade de Lisboa	Licenciatura
Itália 1	M	Economia e gestão ISG	Licenciatura
Bélgica 1	F	Gestão Universidade Nova	Mestrado
Turquia	F	Sociologia	Licenciatura

Os alunos Erasmus têm idades compreendidas entre os 20 e os 25 anos. Como pode-se notar, cinco são de sexo masculino e cinco de sexo feminino. Só há dois estudantes que participaram ao programa Erasmus durante o Mestrado.

Esta amostra permite ver a variedade em termos de nacionalidade de estudantes estrangeiros presentes em Lisboa.

Na questão da motivação e escolha do destino há diferentes razões, mas quase todos admitem não ter escolhido Lisboa como primeiro destino, no procedimento de candidatura para o Erasmus. A escolha pode ter um motivo económico ou de proximidade, como no caso das estudantes espanholas: *Lisbon was my 3rd option but when I was accepted to Lisbon I choose it because it's not expensive to go from Madrid and the cost of life is low.* (Esp.1) *I wanted to do my Erasmus but without going so far from my hometown*

Outros escolheram Lisboa pelo tempo, ou para ser um dos destinos mais populares para o surf: *That's one of the reason I choose Lisbon, for the weather it's just perfect.* (Ale.1) *I choose Lisbon because I'm a surfing professional.* (Ale.2)

Dois dos estudantes franceses têm origem portuguesa, o que influenciou a escolha do destino Erasmus: *I was attracted by this city and because my father is portuguese.* (Fr.1) *I'm french but both my parents are portuguese.* (Fr.2)

Outros estudantes vieram para Lisboa, porque há mais possibilidades da candidatura ser aceite, ou porque acham que é mais fácil passar nos exames: *a friend of mine that was in Lisbon the year before told me to do the most difficult exams in Erasmus because it's always easier.* (Itá.1) *I put Lisbon among my choices because there were many places available* (Bél.1)

3.6 Estadia

Todos os estudantes Erasmus, após da chegada a Lisboa, encontraram algumas dificuldades. Em primeiro lugar, sublinha-se dificuldade em perceber e falar a língua portuguesa: *At the beginning it was complicated, I didn't understand anything about the language [...] I thought it was easier to understand in fact I was wrong.* (Ale.1) *My biggest and shameful obstacle was the language.* (Bél.1) *I couldn't understand and I couldn't take part into the conversation* (Tur.1). E, em alguns casos, a dificuldade linguística estava relacionada com o uso do inglês como língua de comunicação entre eles: *When I arrived there were two Germans and two Slovenians and they were all speaking English. That's my difficulty: I didn't know how to speak English!* (Fr.2)

Há também dificuldades de carácter cultural, como encontrar um alojamento que satisfaça os *standards* aos quais estão acostumados: *When i arrived i had already a contact for a place to stay, it was the worst house ever.* (Fr.1) *The house was not great, it was old and really cold.* (Fr.3) *I stayed at the campus of the Nova University. Horrible! I still remember the noise of the planes at every day of the day.* (Esp.1)

Depois de ter visto brevemente as dificuldades linguísticas e culturais, é necessário neste este ponto refletir sobre a relação que os estudantes entrevistados têm com a língua portuguesa. Em primeiro lugar, observa-se que a maioria deles não conheciam a língua antes e que só em Lisboa é que começaram a frequentar cursos de língua portuguesa: *My erasmus started on July because my University in Madrid pay me one month course of portuguese language in Lisbon.* (Esp.1) *My University was offering a Portuguese language course, so at the end I could understand almost everything and I could also communicate.* (Ale.1) *In November I could understand more or less the Portuguese lessons also because I was studying Portuguese three times a week.* (Itá.1) *My classes were in English but I also took a Portuguese language course, at least to know the basic grammar.* (Tur.1) *I studied Portuguese language at University even if all my courses were in English.* (Esp.2)

Todavia há dois estudantes que afirmam que os cursos de português organizados pelas Universidades foram praticamente inúteis: *I studied portuguese during the first semester but it was completely useless, so I gave up. I mean I don't wanna waste two hours per week for learning how to say my name and nationality in another language.* (Ale.2) *the*

Portuguese language course organized by the university was a joke, really. I haven't learnt more than what I already knew that means a few things. (Bél.1)

Diferente é o caso dos estudantes franceses, talvez porque os dois eram filhos de imigrantes portugueses, e talvez porque, como no caso do estudante nº3, a motivação principal de estudar em Lisboa não era apenas de natureza linguística, mas também cultural e pessoal, os três estudantes não frequentaram cursos de língua: *Initially even if I was not speaking Portuguese I could understand everything at classes. It was probably due to the fact that since I was a child, I spent every summer holidays with my grandmother in Portugal. (Fra.1) I think I was one of the best among the Erasmus students, because I could participate in the lessons, I could write and speak in Portuguese. (Fra.2) I wanted to speak and eat Portuguese so living with Portuguese people was the best option I had. (Fra.3)*

Contudo, nota-se que os estudantes preferem falar em Inglês do que em Português: *I had classes in English [...] in my flat we were speaking English. (Ale.1) In Parma they told me that the classes were in English but when I arrived at the University all the professors spoke Portuguese. We tried to explain them if they could speak in English because we were not prepared for the Portuguese. (Itá.1) He is Portuguese (falando do seu namorado) born and grew up in Lisbon, but between us we were speaking and we are still speaking English. (Tur.1)*

A maioria dos entrevistados mostram que não têm relações com a comunidade autóctone, sendo o seu círculo de relações interpessoais limitado ao ambiente académico: *I didn't have many Portuguese friends, maximum Brazilian. (Esp.1) All my friends were foreigners, Erasmus like me. (Ale.2) I didn't know many Portuguese people, I didn't talk with the Portuguese students in my class because I was always with my two Italian friends. (Itá.1)*

Em alguns casos, os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer e fazer amizade com portugueses no contexto académico: *I had many Portuguese friends I was working with them and going out with them, and we also did some school trip altogether. Fr.2) The atmosphere was really good (falando da residência universitária onde morava) there were foreigner students but also many Portuguese. (Tur.1) At the University there was a big group of French students in Erasmus and sometimes we were working together but I prefer to work with the Portuguese students for learning better. [...] I started to get really closed with my Portuguese colleagues[...] they were coming to the Erasmus party and I was going out with their Portuguese friends. (Fr.3)*

3.7

Regresso

Como as entrevistas foram feitas num período posterior à experiência Erasmus, os estudantes tiveram a oportunidade também de refletir sobre a imagem que eles têm da cidade e do povo português em geral. As reacções são positivas e, em certos casos, superando as expectativas: *I really was in love with that city, I didn't know I would have liked it so much. (Esp.1) For sure I miss Lisbon, all the good things I learnt, all the beautiful people I met, but as you see I'm back and will always come back for holidays. (Ale.1) In Lisbon I think I felt really myself, my days were really intense, I've never got bored also [...] I was into the Portuguese mood, they are not stressed at all. (Ale.2)*

A experiência Erasmus representa para estes estudantes uma mudança de vida e nos planos futuros. Alguns conseguiram identificar-se mais com os Portugueses do que com o próprio país de origem, como no caso do estudante alemão: *I didn't want to come back in germany, I knew my life was in Lisbon. [...] My biggest fear was to wake up in a boring city and working a boring job and be surrounded by boring people. [...] who knows, maybe one day I will go back to Lisbon and then I will be 100% realized. [...] In Lisbon I felt part of the community even if I couldn't say a word I Portuguese. I think I understood the portuguese people. (Ale.2)* Para outros, o Erasmus foi uma experiência de vida que contribuiu para uma evolução pessoal: *Erasmus is great it proves who you are, it's a way to know yourself better and to adapt to live and make friends in a foreign Country speaking a language that is not yours. (Esp.1) It was really good for my self-esteem because i succeed to pass exams in a language I didn't know. (Itá.1) (Erasmus) gave me the strenght to leave my Country, I've always wanted to go abroad but I was maybe afraid of leaving or maybe just too comfortable at home. (Tur.1)*

Com certeza os entrevistados, após um ano de Erasmus, têm uma maior abertura que frequentemente se traduz numa maior apetência para viajar ou até mudar-se para um outro país: *I want to go to study abroad for my master's degree I don't know where, maybe USA who knws. (Esp.1) When I finish my Erasmus I accepted to do this internship in Biarritz, France. (Ale.2) For several reasons I decided to continue my studies at Universidade de Lisboa, I choose a master in Tourism. [...] I mean studying abroad is always a good chance, plus I'm studying tourism and I consider Lisbon a city that is*

growing more and more in that area. [...]I think that studying in Lisbon first as Erasmus then as a normal student will have a significant positive on my future. (Fr.1) Next year for my 2nd year of master I have to do an Internship and I want to try to do an application for Lisbon. If not after my studies I will move to Germany because I know that there you can have better jobs. (Fr2)

3.8 Conclusões finais

As entrevistas foram realizadas com o objetivo de perceber melhor o processo de integração linguística e cultural dos estudantes estrangeiros que participaram no Programa Erasmus em Lisboa. Pretendia-se também compreender e refletir sobre os propósitos do Programa Erasmus e ver se, na realidade, os objetivos foram atingidos.

Dos dados analisados, conclui-se que o obstáculo principal encontra-se sobretudo na língua. A maioria dos estudantes quando chega a Lisboa não conhece o português e afirma que os cursos de línguas disponibilizados pelas Universidades não são suficientes para alcançar um nível linguístico, que permita uma comunicação autónoma e eficiente na língua do país de acolhimento.

Também se verifica que a dificuldade linguística é superada rapidamente, se tivermos em conta que o domínio privilegiado da língua portuguesa é o domínio público e em alguns casos o educativo. No entanto, os estudantes Erasmus preferem utilizar a língua inglesa no domínio privado.

Nota-se também a existência de situações de exclusão linguística, como acontece com a estudante francesa que domina o português, mas não sabe falar inglês, portanto sente-se excluída do ambiente Erasmus.

Verifica-se uma clara separação entre os estudantes Erasmus e os estudantes portugueses. Não há integração social, os grupos convivem na mesma área, mas relacionam-se somente em aula e em tarefas académicas, que o exigem.

A maioria dos estudantes admite não ter escolhido Lisboa como primeiro destino Erasmus e para muitos deles, esta foi a sua primeira estadia em Portugal. No entanto, consideram o povo português amável e simpático, elogiam a cidade e Portugal, em geral e alguns deles gostariam voltar em Portugal para fazer um estágio ou para continuar os estudos.

Em suma, a maioria está aberta a uma outra experiência no estrangeiro, seja em Portugal, seja um outro país.

Esta dissertação teve como objetivo refletir e questionar a integração linguística e cultural dos estudantes Erasmus em Lisboa, passando pelo processo de aprendizagem da língua portuguesa e a fase de adaptação na comunidade acolhimento. Portanto, para tornar este estudo mais concreto foram elaboradas entrevistas para compreender as etapas fundamentais do processo.

A presença de estudante estrangeiro em Lisboa é uma realidade em contínuo crescimento. O programa Erasmus tornou-se cada vez mais popular nos últimos anos; a cada ano aumenta o número de estudantes que escolheram passar um período da vida estudando no estrangeiro. Estudos recentes demonstraram que os jovens que estudaram num outro país com uma bolsa Erasmus têm menos probabilidades de ficar desempregados. É também evidente que os jovens depois do Erasmus regressam aos países de origem mais seguros e tolerantes em relação a outras culturas, assim como se tornam mais curiosos e têm uma maior facilidade em adaptar-se a novas situações.

Constata-se pelo estudo efetuado que os estudantes se integraram imediatamente, com algumas dificuldades, sobretudo a nível linguístico. Todavia, a integração quase nunca é completa, no sentido que os estudantes se adaptam bem ao novo contexto, mas sem interagir com a comunidade autóctone. Portanto, o processo de adaptação é feito entre eles. Através das entrevistas deduz-se que para os estudantes Erasmus é mais importante ser aceite pelos outros estudantes estrangeiros do que pela comunidade portuguesa. A identidade deles muda no cruzamento com as outras culturas, mas neste caso com as culturas dos colegas de casa ou de turma, que na maioria dos casos são também estudantes Erasmus.

Este trabalho pode ser particularmente importante por duas razões: por um lado, a temática é muito actual e, por outro, permite-nos perceber que se deve promover uma melhor integração com a comunidade de acolhimento, através de atividades organizadas para esse fim, envolvendo os estudantes estrangeiros.

Por exemplo, a associação ESN Lisboa incita os estudantes Erasmus a uma exclusão da comunidade local. Organizando atividades diurnas e noturnas, além de viagens exclusivamente para os Erasmus, a ESN não facilita o processo de integração seja social, seja linguístico ou cultural.

Sendo assim o objetivo do programa Erasmus em relação à promoção do aprendizagem e à diversidade linguística ainda não foi atingido, pois a principal língua de comunicação entre os estudantes continua a ser o Inglês.

Deveriam tomar-se medidas para aumentar e melhorar os cursos de língua no sentido de ajudar os estudantes Erasmus a aprender eficazmente a língua do país de acolhimento para se integrarem totalmente.

Todavia, o Erasmus parece ter contribuído para incentivar a circulação entre os Estados Membros. Os estudantes Erasmus entrevistados admitem de ter aproveitado esta oportunidade também para viajar, em Portugal e em outros países da UE. Também é necessário acrescentar que a maioria dos estudantes que participaram no programa Erasmus, estão preparados para ir estudar ou trabalhar num outro Estado, fora do país de residência.

Em suma, os programas de mobilidade promovidos pela UE contribuem para uma sensibilização para a diversidade das culturas europeias, estimulam a livre circulação entre os países para fins de estudo e de trabalho. No entanto, é ainda preciso debater e levantar questões sobre o processo de promoção das línguas e da diversidade linguística.

Referências Bibliográficas

- ATTALI, Jacques (2011), *A brief history of the future: a brave and controversial look at the twenty-first century*, New York, Arcade Publishing.
- ARONIN, Larissa; SINGLETON, David (2012), *Multilingualism*, Philadelphia, John Benjamins B.V.
- BITENCOURT, Claudia (2010), *Gestão contemporânea de pessoas: Novas práticas, conceitos tradicionais*, Porto Alegre, Bookman.
- BLACKLEDGE, A; CREESE, A. (2010), *Multilingualism: A Critical Perspective*, London, Continuum International Publishing Group.
- BLOCK, David (2007), *Second Language Identities*, New York, Continuum.
- BOUD, David; FELETTI, Grahame (1997), *The challenge of problem-based learning*, London, Kogan Page.
- BYRAM, Michael (1997), *Teaching assessing intercultural communicative competence*, Multilingual Matters.
- BYRAM, M; RYSAGER, K. (1999), *Language Teachers, Politics and Cultures*, Multilingual Matters.
- CAPRA, Fritjof (2003), *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*, São Paulo, Cultrix.
- CENOZ, Jasone (1998), *Beyond Bilingualism: Multilingualism and Multilingual Education*, Multilingual Matters.
- COMISSÃO EUROPEIA, (2001), *Ensino das línguas estrangeiras nas escolas da Europa. Situação em Portugal*, Lisboa, disponível em <http://bookshop.europa.eu/pt/ensino-das-l-nguas-estrangeiras-nas-escolas-da-europa-pbEC3012554/>
- COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS, (2008), *Multilinguismo: uma mais-valia para a Europa e um compromisso comum*, Bruxelas, disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=CELEX:52008DC0566>

COMISSÃO EUROPEIA (2001), *Construir a Europa dos Povos a União Europeia e a cultura*, Bruxelles, disponível em: <https://infoeuropa.euroid.pt/files/database/000005001-000010000/000007327.pdf>

CONNERLEY Mary L; PEDERSEN Paul B (2005), *Leadership in a diverse and multicultural environment: developing awareness knowledge and skills*, London, SAGE publications.

CONSELHO DA EUROPA (2001), *Quadro Europeu Comum De Referência Para as*

Línguas – Aprendizagem, Ensino e Avaliação, Lisboa, Asa.

CULLEN, J; MAES, V. (2009), *Study on "Multilingualism: Between Policy Objectives and Implementation"*, Brussels, disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/document/activities/cont/200901/20090122ATT46874/20090122ATT46874EN.pdf>

DALGLISH, C; EVANS, P; LAWSON L. (2011), *Learning in the Global Classroom: A Guide for Students in the Multicultural University*, Cheltenham, Edward Elgar Publishing.

DE BOT, Kees; GINSBERG, Ralph B; KRAMSCH, Claire (1991), *Foreign language research in cross-cultural perspective*, Amsterdam, John Benjamins Publishing.

DEKEYSER, Robert (2007), *Practice in a Second Language: Perspectives from Applied Linguistics and Cognitive Psychology*, New York, Cambridge University Press.

DICICCO-BLOOM, B; CRABTREE, B (2006), *The qualitative research interview*, MEDICAL EDUCATION 2006; 40: 314–321, Blackwell Publishing.

DOLBY, N; RIZVI, F. (2007), *Youth Moves: Identities and Education in Global Perspective*, Abingdon, Routledge.

EDWARDS, John (2009), *Language and Identity: An introduction*, New York, Cambridge University Press.

EUROPEAN COMMISSION, (2012), *Europeans and their languages*, Special Eurobarometer 386, disponível em: <http://bookshop.europa.eu/en/europeans-and-their-languages-pbNC0313176/?CatalogCategoryID=SIKABst.SEAABEjGJEY4e5L>

EUROPEAN COMMISSION, (2005), *EU research on social sciences and humanities orientations of young men and women to citizenship and european identity youth and*

identity, Brussels, disponível em: <http://bookshop.europa.eu/en/orientations-of-young-men-and-women-to-citizenship-and-european-identity-pbKINA23188/>

EUROPEAN COMMISSION, (2013), *Supporting reforms: the role of Erasmus in higher education*, Belgium, disponível em: <http://bookshop.europa.eu/en/supporting-reform-pbNC3112152/>

EUROPEAN COMMISSION, (2014), *Erasmus Facts, Figures & Trends The European Union support for student and staff exchanges and university cooperation in 2012-2013*, Brussels, disponível em: http://ec.europa.eu/education/library/statistics/ay-12-13/facts-figures_en.pdf

EUROPEAN PARLAMENT, (2008), *Multilingualism: between policy objectives and implementation*, Brussels, disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/committees/en/studies.html>

FINDLAY, A M; KING, R; GEDDES, A; SMITH, F; STAM, A; DUNNE, M; SKELDON, R; AHRENS, J. (2010) *Motivations and experiences of UK students studying abroad. Project Report*, London, disponível em: <http://sro.sussex.ac.uk/37183/>

FREED, Barbara F. (1995), *Second Language Acquisition in a Study Abroad Context*, Amsterdam, John Benjamins B.V.

FREED, Barbara F. *An Overview of Issues and Research in Language Learning in a Study Abroad Setting*, Carnegie Mellon University, disponível em: http://www.frontiersjournal.com/issues/vol4/vol4-02_Freed.htm

GALLISON, Robert (1988), *Cultures et lexicultures pour une approche dictionnaire de la culture partagée in annexes des cahiers de linguistique hispanique médiévale*, volume 7 disponível em http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/cehm_0180-9997_1988_sup_7_1_2133

GARDNER, R.C. (2007), *Motivation and Second Language Acquisition*, PORTA LINGUARUM 8 p. 9-20, disponível em <http://digibug.ugr.es/bitstream/10481/31616/1/Gardner.pdf>

GARDNER, R.C. (2010), *Motivation and Second Language Acquisition: The Socio-educational Model*, New York, Peter Lang Publishing.

GONÇALVES, Teresa (2011), *Linhas orientadoras da política linguística educativa da EU*, Revista Lusófona de Educação, 18, 25-43.

GRUPO DE INTELLECTUAIS PARA O DIÁLOGO INTERCULTURAL CONSTITUÍDO POR INICIATIVA DA COMISSÃO EUROPEIA (2008), *Um desafio salutar como a multiplicidade de línguas poderia consolidar a Europa*, Bruxelles, disponível em <http://bookshop.europa.eu/pt/um-desafio-salutar-como-a-multiplicidade-de-l-nguas-poderia-consolidar-a-europa-pbNC3008147/>

GUBBINS, P; HOLT, M. (2002), *Beyond Boundaries: Language and Identity in Contemporary Europe*, Multilingual Matters.

GULLAHORN, John T; GULLAHORN Jeanne E. (1963), *An extension of the U-curve hypothesis*. Journal of social issues, Vol 19, 33-47.

HALL, Edward (1977), *Beyond culture*, New York, Anchor Press.

HALL, Stuart; DU GAY, Paul (1996), *Questions of cultural identity*, London, SAGE publications Limited.

HERDINA, P; JESSNER, U. (2002), *A Dynamic Model of Multilingualism: Perspectives of Change in Psycholinguistics*, Multilingual Matters.

HESS, J. Daniel (1997), *Studying Abroad/learning Abroad: An Abridged Edition of The Whole World Guide to Culture Learning*, Yarmouth, Intercultural Press.

HIGGINS, Christina (2011), *Identity Formation in Globalizing Contexts: Language Learning in the New Millennium*, Gottingen, Walter de Gruyter GmbH & Co.

HOWARD, D; KOWALSKA M; BAKER, S. (2009), *Educational and other encounters: narratives of mobility and the biographical significance of international study and training in Europe*. School of Social Sciences, Bangor University, disponível em: <http://www.euroidentities.org/Workinprogress/Workingpapers/Filetoupload,210938.en.pdf>

KING, R; FINDLAY, A M; AHRENS, J. (2010), *International student mobility literature review: Final report*, Hefce, disponível em: <http://www.hefce.ac.uk/pubs/rereports/year/2010/studmoblitreview/>

KUBOTA, R; LIN A. M. Y. (2009), *Race, Culture, and Identities in Second Language Education: Exploring Critically Engaged Practice*, Abingdon, Routledge.

LIN, Angel M. Y (2013), *Problematizing Identity: Everyday Struggles in Language, Culture, and Education*, Abingdon, Routledge.

LLAMAS, C; WATT, D. J. L. (2010), *Language and Identities*, Edinburgh, Edinburgh University Press.

MCKEOWN, Joshua (2009) *The First Time Effect: The Impact of Study Abroad on College Student Intellectual Development*, New York, State University of New York.

MANTERO, Miguel (2006) *Identity and Second Language Learning. Culture, Inquiry, and Dialogic Activity in Educational Contexts*, IAP, Contemporary Language Education, Series Editor Terry A. Osborn, University of Connecticut.

MURPHY-LEJEUNE, Elisabeth (2002), *Student Mobility and Narrative in Europe: The New Strangers*, London, Routledge.

NORDQUIST, Richard (2010), *Crossing Boundaries: Studies in English Language, Literature, and Culture in a Global Environment*, Frankfurt am Main, Peter Lang GmbH.

NORTON, Bonny (2000), *Identity and Language Learning: Gender, Ethnicity and Educational Change*, New York, Longman.

NORTON, Bonny (2012), *Identity and language learning: extending the conversation*, Bristol, Multilingual Matters.

OBERG, Kalervo (1960), *Cultural shock: adjustment to new cultural environments* p.142-146 disponível em http://www.agem-ethnomedizin.de/download/cu29_2-3_2006_S_142-146_Repr_Oberg.pdf

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (2005), *convenção sobre a proteção e a promoção da diversidade das expressões culturais*, disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224por.pdf>

ÖZDEMİR, Gülbin (2012), *Erasmus exchange students' beliefs about language learning*, Elsevier Ltd .

PAVLENKO, A; BLACKLEDGE A. (2004), *Negotiation of Identities in Multilingual Contexts*, Multilingual Matters.

PELLEGRINO AVENI, Valerie A. (2005), *Study Abroad and Second Language Use: Constructing the Self*, Cambridge, Cambridge University Press.

PELLEGRINO, Valerie A. (1998), *Student Perspectives on Language Learning in a Study Abroad Context*, disponível em: <http://eric.ed.gov/?id=EJ608214>

REGAN, Vera (1998), *Sociolinguistics and Language Learning in a Study Abroad Context*, Dickinson College, disponível em : <http://researchrepository.ucd.ie/handle/10197/3939#item-files-head>

REID, Stuart (2009), *The learning process for intercultural partnership*, The Centre for Applied Linguistics, University of Warwick disponível em: http://www2.warwick.ac.uk/fac/cross_fac/globalpeople/resourcebank/gppublications/learning_process_model.pdf

REID, S; STADLER, S; SPENCER-OATEY, H. (2009), *The global people landscaping study. Intercultural effectiveness in Global Education Partnership*, The Centre for Applied Linguistics, University of Warwick disponível em: http://www2.warwick.ac.uk/fac/cross_fac/globalpeople/resourcebank/gppublications/landscaping_study.pdf

REVANS, Reg ((2011), *ABC of action learning*, Farnham, Gower Publishing Limited.

SCHNITZER, Klaus (2008), *Social and Economic Conditions of Student Life in Europe. Synopsis of Indicators. Final Report. Eurostudent III 2005 - 2008*, Bielefeld, W. Bertelsmann Verlag.

SERRÉ, Arlette (2006), *Intercambios universitarios: ¿continuidad y/o ruptura? Análise de biografías lingüísticas*, Encuentro 16, 95-109.

SPENCER-OATEY, H; STADLER, S. (2009), *The Global People Competency Framework Competencies for Effective Intercultural Interaction*, The Centre for Applied Linguistics, University of Warwick disponível em: http://wrap.warwick.ac.uk/3272/1/WRAP_Spencer_Oatey_gp_competency_framework.pdf

STUBER, Jenny M. (2011), *Inside the College Gates: How Class and Culture Matter in Higher Education*, Plymouth, Lexington Books.

TEICHLER, U; MAIWORM, F. (1997), *The ERASMUS Experience Major Findings of the ERASMUS Evaluation Research Project*, Luxembourg, European Communities, disponível em: <http://bookshop.europa.eu/en/the-erasmus-experience-pbC29996762/>

TRUEBA, E.T; BARTOLOMÉ, L.I. (2000), *Immigrant Voices: In Search of Educational Equity*, Maryland, Rowman & Littlefield Publishers.

VAN MOL, C (2009), *The influence of European Student Mobility on European Identity and subsequent migration intentions*, Centre for Migration and Intercultural Studies, disponível em: <http://www.ua.ac.be/download.aspx?c=.ESM&n=86493&ct=78909&e=234438>

VERONESI, D; NICKENING, C.(2009), *Bi- and multilingual universities: European perspectives and beyond*, Bolzano, University Press Bozen.

ZARATE, G; LÉVY D; KRAMSSCH C. J. (2011), *Handbook of Multilingualism and Multiculturalism*, Paris, Archives contemporaines.

Páginas Consultadas na Internet

AGÊNCIA NACIONAL PROALV APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA, Erasmus disponível em <http://pt-europa.proalv.pt/public/PortalRender.aspx?PageID=442c4e7c-6daa-4b8e-babb-143c5090fc27>

CÁTOLICA DE LISBOA Curso de língua portuguesa disponível em <https://www.clsbe.lisboa.ucp.pt/site/custom/template/fceetplgeneric.asp?sspageID=605&lang=1>

COMISSÃO EUROPEIA, *Aprendizagem ao longo da vida*, disponível em; http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/lifelong_learning/index_pt.htm

COMISSÃO EUROPEIA, *Direito à livre circulação e residência dos cidadãos da União e dos membros das suas famílias*, disponível em: http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/lifelong_learning/133152_pt.htm

COMISSÃO EUROPEIA, *Plano de acção para as competências e a mobilidade*, disponível em: http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/lifelong_learning/c11056_pt.htm

COMISSÃO EUROPEIA, *Educação e formação: quadro geral*, disponível em: http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/general_framework/index_pt.htm

COMISSÃO EUROPEIA, *Processo de Bolonha: estabelecimento do Espaço Europeu do Ensino Superior*, disponível em: http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/general_framework/c11088_pt.htm

COMISSÃO EUROPEIA, *Conselho Europeu extraordinário de Lisboa (Março de 2000): para uma Europa da inovação e do conhecimento*, disponível em:

http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/general_framework/c1024_1_pt.htm

COMISSÃO EUROPEIA, *Programa de trabalho sobre o seguimento dos objectivos dos sistemas de educação e de formação na Europa*, disponível em: http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/general_framework/c1108_6_pt.htm

COMISSÃO EUROPEIA, *A Política social*, disponível em: http://europa.eu/legislation_summaries/institutional_affairs/treaties/lisbon_treaty/ai0023_pt.htm

DGES, *Programa Erasmus*, disponível em: <http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Reconhecimento/Mobilidade/Erasmus/>

DGES, *Dimensão europeia do ensino superior*, disponível em: <http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Estudantes/Processo+de+Bolonha/Objectivos/Dimens%C3%A3o+Europeia+do+Ensino+Superior/>

EUROPEAN COMMISSION (2014), *Another record-breaking year for Erasmus*, disponível em: http://europa.eu/rapid/press-release_IP-14-821_en.htm

EUROPEAN COMMISSION (2014), *Erasmus – nearly 270 000 students receive EU grants*, disponível em: http://europa.eu/rapid/press-release_SPEECH-14-543_en.htm

EUROPEAN COMMISSION, *Education and Training supporting education and training in europe and beyond*, disponível em: http://ec.europa.eu/education/tools/llp_en.htm#tab-4

EUROPEAN COMMISSION, *Erasmus statistics from 2012-2013*, disponível em: http://ec.europa.eu/education/tools/statistics_en.htm#erasmus

EUROPEAN COMMISSION, *Mobility for students, persons undergoing training, young volunteers, teachers and trainers*, disponível em: http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/lifelong_learning/c11015_en.htm

EUROPEAN COMMISSION, *Action plan for mobility*, disponível em: http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/lifelong_learning/c11048_en.htm

EUROPEAN COMMISSION, *Green Paper on the learning mobility of young people*, disponível em:

http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/lifelong_learning/ef0017_en.htm

ISCTE-IUL Cursos de língua portuguesa disponível em http://www.iscte-iul.pt/internacional/Study_at_ISCTE-IUL/CursoPortugues.aspx

JORNAL OFICIAL DAS COMUNIDADES EUROPEIAS, (2002), *Resolução do conselho de 14 de Fevereiro de 2002 relativa à promoção da diversidade linguística e à aprendizagem das línguas no quadro de implementação dos objectivos do Ano Europeu das Línguas 2001*, disponível em:

<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2002:050:0001:0002:PT:PDF>

PARLAMENTO EUROPEU (2003), *Alargamento e diversidade cultural*, disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+TA+P5-TA-2003-0372+0+DOC+XML+V0//PT>

PORTAL DA JOVENTUDE, disponível em: <http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Reconhecimento/Mobilidade/Erasmus/>

UNIÃO EUROPEIA, (2014), *Educação, formação e juventude*, disponível em: http://europa.eu/pol/educ/index_pt.htm

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA Cursos de Português para estrangeiros disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/clcp/>

UNIVERSIDADE DE LISBOA Instituto de Cultura e Língua Portuguesa disponível em <http://www.iclp.letras.ulisboa.pt/>

Anexos

Estudante 1: Espanha, Feminino, 22 anos ao momento do Erasmus, último ano de licenciatura em Ciências da Comunicação na Universidade Autónoma de Lisboa.

My Erasmus in Lisbon? AMAZING (I want you to write it big). Probably the best year of my life. Actually my Erasmus started on July because my University in Madrid pay me one month course of Portuguese language in Lisbon. So I arrived in Lisbon in July where I stayed at the Campus of the Nova University. Horrible! I still remember the noise of the planes at every hour of the day. During that month I had the opportunity to meet other guys that would have been Erasmus like me, especially one Italian girl called Marianna. We became close friends immediately. I also had the opportunity to find a room for my Erasmus year. Here the first difficulties, it's so difficult to find a room in Lisbon, I mean, I visited so many houses, mostly in old apartment, room with no windows, so finally I choose one room of the ESN apartment, I know it was expensive but I saved money the year before plus I had the money of the Erasmus so I knew I could afford it. When I arrived on September I was really happy to discover more about Lisbon. In July I really was in love with that city. I didn't know I would have liked it so much. I mean, Lisbon was my 3rd option when I did the application I wanted to go to Finland but then when I was accepted for Lisbon I choose it because it's not expensive to go from Madrid and also because the cost of life is low. So when I finally arrived in my apartment I met all my flatmates, yes we were 7 in the house: one French girl, another Spanish girl, one Brazilian guy one girl from Austria, one girl from Belgium and one guy from France. The first night we went out altogether it was great. I spent almost my year with them plus the group of Italians I met in July and then friends of friends of them and so on. It was good, sometimes we had parties at home with people coming from everywhere, we spoke English mostly but I was speaking Portuguese too. I didn't like my University, it was a kind of High school, a small class with a few students and it's a private university! I mean, I was coming from the Universidad Complutense de Madrid that is huge. So I never went to classes, I know my colleagues didn't like me because I was not speaking and not going to classes but yeah I didn't failed any exams, so I guess they hated me. But I don't care I had my life in Lisbon, I travel a lot around Portugal with other Erasmus students, I also went to Madeira! My relation with the Portuguese community? I know the language, I'm Spanish and the course I took in July helped me a lot.

In fact my classes at University were in Portuguese and as I said I didn't fail any exam and I also took my driving licence in Lisbon because was very cheap compared with Madrid. But I didn't have many Portuguese friends, maximum Brazilian, but I liked the Portuguese they are friendly and if they can help you they will do it. Now I'm living in Spain again with my family, I dreamed a lot about last year, I was free, I was alone in a foreign Country but I've never felt really alone. I found really good friend and I'm still in contact with them now. Maybe one day we'll meet again somewhere I don't know. I'm lucky because from Spain I can go to Lisbon whenever I want because there is a bus every day and is not expensive, and this year I'm working o I will definitely come back another time. I know Erasmus was fantastic and I cried a lot when I come back to Madrid, but now I realized that this year I have to finish University so then I can be more independent and also because I want to go to study abroad for my master degree I don't know where but I don't think Lisbon because for my area is not so good, maybe USA who knows. Something is sure, Erasmus is great it proves who you are, it's a way to know yourself better and to adapt to live and make friend in a foreign Country speaking a language that is not yours.

Estudante 2: Alemanha, Masculino, 21 anos ao momento do Ersmus, segundo ano de licenciatura em Arquitetura na Universidade Lusíada de Lisboa.

It's always good talking about my Erasmus year. So I arrived in Lisbon on September, almost one year and an half ago. I had already been to Portugal once, with my family but I was 7 or 8 years old, so it was like going for the very first time. I was living in the city centre of Lisbon in an Erasmus flat, we were 10 during the first semester and 8 the second one, people where coming and leaving, but for 4 of us we stayed in the same flat for all the year. At the beginning it was complicated, I didn't understand anything about the language, I studied French at school but it didn't help me a lot because Portuguese is so different, and I thought was easier to speak or understand in fact I was wrong. The first think I learn was Obrigado, Imperial and Super bock, I'm kidding, but I'm German you know, so I'm supposed to know how to order a beer. The firsts weeks the house wasn't, let's say, complete, people just started to arrive at the end of the month while me, I arrived at the beginning of September. So I took some time for visiting the city, I remember it was really hot, high temperature all day long, that's one of reason I choose Lisbon: for the weather, it's just perfect. When I started the classes at University it's when my Erasmus experience really began. I had classes in English, lucky me, many Erasmus classmate and many group works

so you have to know the other people you are working with. And they were just like me, they wanted to meet new people, have fun together, let's say experiencing this completely new city by zero. Also in my apartment the situation was settled by the end of September. We were going to places that were new for all of us almost every day: Costa da Caparica, Cascais, Carcavelos, Sintra, all the Miradouros during the day and then Bairro alto and Cais de Sodré at night. It's incredible how many foreigner students there are in Lisbon! In my flat we were speaking English, every night we were having dinner together, talking about how you do stuff in your own country, sharing experiences, cultures, languages and also food, often we had typical dishes from each country. At the end I could speak a little bit of Italian, of French and bit more Portuguese. My University was offering a Portuguese language course, so at the end I could understand almost everything and I could also communicate, not like a native of course but yes I really improve my skills. We were hanging out with some guys from Cape Verde and also Portuguese students. The Portuguese spoke in a good English while with the cape verdians I still don't know how we succeed to communicate, but we did and we had a lot of fun. During this Erasmus year I travel around Portugal and also Europe. I was receiving money from my Erasmus and it was more than enough for living in Lisbon, so I saved money and I spent almost the whole month of April travelling. Most of my German classmates were also doing Erasmus so I went to visit them in Paris, Madrid, and they came to visit me in Lisbon. I went back to Germany only one time, for the Christmas holiday. Then my family came to visit me. I was so happy to show them my new life, the city I was living the friends I was hanging out with. The last month of my Erasmus I started a relationship with my French flatmate, she was one of the first to arrive in the flat on September. On August she came to visit me in Berlin and I went on November to Paris to meet her. Things are good between us; this year I will finish my exams at University so then I will only have to write my thesis, nothing so complicated. So I guess that by the end of the summer I will go to Paris, maybe I will find a job before starting my master in Germany next year. For sure I miss Lisbon, all the good things I learnt, all the beautiful people I met, but as you see I'm back, and I will always come back for holiday. Germany is so cold and here is always warmer!

Estudante 3: Alemanha, Masculino, 24 anos, último ano de mestrado em Economia na Uniersidade Católica d Lisboa.

I choose Lisbon for my Erasmus because I'm a surfing professional. My year was incredible finally, I wasn't expecting so much from that city! I had already taken part in exchange program for example I went six months in Indonesia for an internship before Lisbon. In Lisbon I was studying at Católica which is, apparently, a very hard University. Actually we had many assignments and group works and there were many people studying hard. Me personally, I never put so much effort into study, I have ever worked the least possible, and I liked it that way. All my classes were in English, I studied Portuguese during the first semester but it was completely useless, so I gave up. I mean I don't wanna waste 2 hours per week for learning how to say my name and nationality in another language. All my friends were foreigners, Erasmus like me and there was this friend of mine, an Austrian guy who had decided to study and live in Lisbon because he said the business school are really good there. He helped me a lot at the beginning both for university and social life. When I arrived in Lisbon I met this Polish girl and even though I had a girlfriend in Germany I immediately fell in love with her. In Lisbon I think I felt really myself, my days were really intense, I've never got bored also chilling at home was exciting in some way. I was passionate by everything: this new girl, surfing, the new friends, the nights out and the charming city. I was into the Portuguese mood, they are not stressed at all, the opposite of the Germans. I didn't want to come back in Germany, I knew my life was in Lisbon so at the beginning I decided to apply for a master there, but then I knew I didn't want to study anymore. My biggest fear was to wake up in a boring city and working a boring job and be surrounded by boring people. So when I finish my Erasmus I accepted to do this Internship in Biarritz, France. I'm working for Quiksilver, they allow me to surf during the lunch break! I thought it was my chance! Instead the city is small, nothing to do, and the Frenchs they are not like the Portuguese. They are not friendly with the foreigners. In Lisbon I felt part of the community even if I couldn't say a word in Portuguese. I think I understood the Portuguese people, I was surfing and surf is part of their culture like football (laughing). I felt I really made my life there but I had to come back at the reality. When I finish my internship here, I will come back to Munchen where I already have some job opportunities; the only thing that makes me happy is to know that I will be there with my polish girlfriend who also moved to Germany for working after her Erasmus. And then who knows, maybe one day I will go back to Lisbon and then I will be really 100% realized and satisfied.

Estudante 4: França, 21 anos, Masculino, último ano de licenciatura em Planeamento e Gestão do território na Universidade de Lisboa

Well, I went to Lisbon for my Erasmus because I was attracted by this city and because my father is Portuguese. He lived in France for almost 40 years and when he got retirement he decided to go back to Portugal, since my parents are divorced. So going to Portugal was a way to stay also closer to him even if he lives in the North. When I arrived, I didn't know the language, my father never taught me it and I didn't know anything about the culture. He moved to France after the decolonization war in Africa so I guess that's why he never talked about his Portuguese youth. When I arrived I had already a contact for a place to stay, it was the worst house ever. I was living with an Italian woman; she was never at home because she was working. I made friends at university; I was in a class with many Portuguese and some others Erasmus students, mostly French. The difficulties I had at the beginning were the normal ones that every foreigner student experienced when arrive in a new Country. When I was speaking with my Erasmus friends we had the same feelings and sensations about the initial period. I wouldn't called them difficulties, is more an adaptation phase that in my case lasted more or less ten days. Initially even if I was not speaking Portuguese, I could understand everything at classes. It was probably due to the fact that since I was a hild, I spent every summer holydays with my grandmother in Portugal. As soon as I had the chance to change, I moved into a flat with two capeverdian guys. We were sharing the passion for music, so they taught me how to play Fado de Cabo Verde and other Brazilian songs. It was really good; we were playing together every night or going to bars where I could listen to good live music not so frequented and known by tourists or Erasmus. I spoke often with my landowner, a sweet old lady, every time available in case I needed something. So the language was never a problem, of course I had problem when I had to write, but fortunately my professors allowed me to write my works in French. I feel like at home here in Lisbon, it's so different from Paris. People are warmer, helpful and polite. I was spending most of my time with my French classmates and their flatmates, in fact during the second semester I started living at their place. During this year I met my girlfriend, she is Italian and she moved in Lisbon for studying a two years master's degree. For several reasons I decided to continue my studies at Universidade de Lisboa, I choose a master in Tourism so that I could continue visiting my father whenever I wanted, I could stay with my girlfriend without living any distance relationship and moreover I could continue to live in this amazing city. So here I'm now, studying in Lisbon in a class with no Erasmus, living like a Portuguese. One of the best think is that finally I succeed to have complete conversation

with my avozinha, no more gesture language but a real oral conversation. I don't regret the choices I've made. I mean studying abroad is always a good chance, plus I'm studying tourism and I consider Lisbon a city that is growing more and more in that area. I think that wherever I want to go in the future I can play the card of the languages: in those years I improve my English, I can speak good Portuguese and Italian. For this reason I think that studying in Lisbon first as Erasmus and then as a "normal" student will have a significant positive effect on my future.

Estudante 5: França, Feminino, 24 anos, último ano de licenciatura em Planeamento e Gestão do território na Universidade de Lisboa

Olá, I'm Saranda, I'm French but both my parents are Portuguese. My first days in Lisbon were awful; I arrived in this Erasmus apartment that I have booked when I was in France because it was cheap and central. When I arrived there were two Germans and two Slovenians and they were all speaking English. That's my difficulty: I didn't know how to speak English. So the first weekend I went to the house of my grandparents that is in Nazaré. I didn't want to come back in Lisbon but I had to. So I spent the first week living in my room, I was also eating in my room. I had this conversation like what's your name what you study and stop. I wanted to come back to France so hard. Fortunately the second week arrived at the flat another French girl, her name is Suzanne, she also has her father that is Portuguese and the family is from Guimarães. She also didn't speak English very well but she was trying. So at the beginning I was with her, even because we were going to study at the same university; same course also. I feel better, less alone. In that way I started to talk more also with the other people of the house, if I didn't understand or if I didn't know how to say a word there was Suzanne who helped me, and then I realized that nobody was judging me because I didn't know English. When my course started, it was better. I think I was one of the best among the Erasmus students, because I could participate in the lessons, I could write and speak in Portuguese. Also the situation in my flat was good, I made good progress in English and I started to spend my days and night with my flatmates. We were a big family, we called it A família da Milanese, because in the building there was a residencial called Milanese. My Erasmus was supposed to finish in January, I had a big goodbye party, I didn't want to leave because I was finally feeling at home and I was sad to leave my new friends. I was good there. So I came back to France and I asked to my University to continue the second semester again in Lisbon. They accepted my requested

thanks to my Professor also, I didn't believe it! Another Semester in Lisbon with my friends, in the same room I had before. I had many Portuguese friends; I was working with them and going out with them, and we also did some school trip altogether. At the end of my Erasmus I had a German boyfriend, he was my flatmate. He teach me English and I teach him Portuguese. Everything was perfect, in France I had many problems in my family, so I didn't want to come back. But I wanted to do a master at the Sorbonne and I had to try. If I failed I would have come back to Lisbon. I was accepted for my master in Paris. When I come back it was July, and then in August I went to visit my boyfriend in Germany and he came to visit me in Paris last November. We are speaking English now and sometimes French, because probably he will come here next summer. I came back in Lisbon in January because I had to visit my Portuguese family for the Christmas holiday an then I went to Lisbon. But everything is different now. I went out the weekend with my Portuguese colleagues, it was nice but not like last year. It's like I miss something, not the city because Lisbon is the same, but the people. Yes I miss them. But I'm lucky because many of my friends of Lisbon were French so we go out together sometimes, but in Paris it is different. Next year, for my second year of master I have to do an internship and I want to try to do an application for Lisbon. If not after my studies I will move to Germany because I know that there you can have better jobs. But I will always have Lisboa no meu coração e aFamília da Milanese of course.

Estudante 6: Itália, Masculino, 22 anos, segundo ano de licenciatura em Economia e Gestão na ISG.

My Erasmus was really good. I went to Lisbon for the first time in my life on October. I choose Lisbon because many people from My Italian University went there and they told me that is a really good city. At the beginning I didn't know the people in my house and I wasn't speaking so much with them, but I was at the same University of two other Italian guys who were studying with me in Parma too. I took some long week before I became friend with my flatmates. I wasn't so good in English, and I didn't know the Portuguese but I was living with Erasmus students so the Portuguese language was not necessary, at least at the beginning. But when my classes started I didn't understand the professors, it was really hard. In Parma they told me that the classes were in English but when I arrived at the University in Lisbon all the professor spoke Portuguese. We tried to explain them if they could speak in English because we were not prepared for the Portuguese. They understood

but they said they couldn't speak in English maximum they could speak slowly. At the end of each class the professors were asking if we had understood and they were always available for extra explanation. In November I could understand more or less the Portuguese lessons. Also because I was studying Portuguese language three times a week. I was going out with many Spanish, we were a big group of Spanish and Italians, not other nationalities. So I was doing a good mixture of languages, Spanish Italian and Portuguese. I actually didn't know if sometimes I was speaking Spanish or Portuguese. By the way, I was really good with the people I met, we were going out every night something that in Parma it's impossible because the city is small and it's cold. Instead in Lisbon there are parties every night because during the week there are the activities organized by the ESN like barbecue, disco club, concerts or tandem nights and then arrives the weekend that is always party. Talking about the ESN I really like the activities they were organizing, there were good promotion for surf school in fact I took ten classes of surf, and they were also organizing trip. I went to Algarve with the ESN group and it was really funny. But my Erasmus wasn't just party, I had also many exams to do because one friend of mine that was in Lisbon the year before, told me to do the most difficult exams in Erasmus because it's always easier. So I did something like eight or nine exams, and I passed them all, I was so happy because for some classes I had already tried to pass them in Italy, but every time I failed. So it was really good for my self-esteem because I succeed to pass exams in a language I didn't know, and in fact this year I finish my bachelor and next year I will start my Master's degree in Torino. I didn't know many Portuguese people; I didn't talk with the Portuguese students in my class because I was always with my two Italian friends, I know that maybe I could have done some effort but generally I'm not a person who talk a lot. I think that the Erasmus was a good experience; I will do some other experience abroad if I will have the possibility. Not in Portugal because after one year I knew Lisbon really well, maybe in Spain so that I could meet again my Erasmus friend.

Estudante 7: Bélgica, Feminino, 25 anos, último ano de mestrado em Gestão na universidade Nova de Lisboa.

I had the luck to study one year in Lisbon for my Erasmus by chance. I initially applied for some English university and I put also Lisbon among my choices because there were many places available. As a matter of fact I was taken for studying two semesters at the Universidade Católica de Lisboa that is one the best in Europe. At University there were so

many Erasmus students that the exceptions were actually the Portuguese ones. The professors were really experts; I mean all the subjects were so interesting that every morning it was a kind of pleasure to wake up in order to attend classes. The academic environment is very competitive; we had every week assignments and group works and many midterm exams. I felt so lucky to work with people of my age or even younger that were so creative and organized. So due to the fact that I had always group's meeting I was hanging out mostly with people of my class. My biggest and shameful obstacle was the language. The Portuguese language course organized by the University was a joke, really. I haven't learnt more than what I already knew that means few things I needed in my daily life. I was sharing a flat with three girls, two French and one Belgium but from the Dutch part. As I told you I was really busy at University, but during my free time I wanted to know better the city and the Country where I was living. So I did with my friends a road trip; starting from Lisbon we went up to north and then down till the south. It was an incredible experience. We hadn't booked any hostel so was really an adventure. We passed in these small villages both in the North and in the South where the average age was of 60. Once we were lost in the middle of somewhere and the people to whom we could ask information were some old ladies that could speak only Portuguese. One of them was so kind that she offered us to stay in one of her, let's call it, holiday's house, right in front of the ocean for a very cheap price. It was a moment of glory for all of us. And she was so cute that every morning she was bringing us some fruits or other local vegetables. After all I was not such a disaster in Portuguese as I thought. Of course is not the best language I can speak, and now I've already forgotten almost everything I knew, but if I succeed to communicate with an Old Portuguese lady, I'm pretty sure I can go everywhere without being afraid of the language. The first month after I left Lisbon, I was always talking about my wonderful Erasmus experience. Now I started my last year o master's degree and I came back to my old habits. Lisbon was a bracket and it will be for ever one of the best memories of my youth.

Estudante 8: Turquia, Feminino, 21 anos, último ano de licenciatura em Sociologia na ISCTE.

I came to Lisbon with a friend of mine; we studied together in Istanbul and then in Lisbon too. My first Erasmus destination was not Lisbon I firstly put two Germany Universities but I guess my German proficiency was not enough to be accepted. In Lisbon I was living in the ISTE-IUL residence, an ancient monastery closed to Santa Apolónia. The building was

great, it has fountains and gardens and also a living room and a game room. The atmosphere was really good. There were foreigner students but also many Portuguese. My classes were all in English but I also took a Portuguese language course, at least to know the basic grammar. I spent the first months mostly with the other Erasmus students of the residence. Then we met this other guy from Istanbul, it's not easy to know Turkish in Lisbon, I suppose there are really a few Turkish students. It's curious that many people asked me what kind of exchange program I was doing because almost all the young people I met didn't know that Turkey is a European Country, so yes we could also participate to the European program like Erasmus. I was really astonished when I firstly heard that question, but then I get used to it. Even at University there were many students asking about my religion, the situation in Turkey but more in a silly way like I was coming from an underdeveloped country. Fortunately I also met interesting people, and at the end even if we are a "new" country in Europe I've never felt so different from the other students or it's better to say from the young people I was surrounded by. Continuing, when I met this other Turkish guy I started to go out also with his friend, he was studying at Universidade de Lisboa and he was often going out with both Portuguese students and Erasmus. That's how I met my current boyfriend. He is Portuguese, born and grew up in Lisbon, but between us we were speaking, and we are still speaking English. My only difficulty was when I was introduced to his family. Nothing special, just a small dinner at his house. Big fail! I felt so stupid, I couldn't understand and I couldn't take part in the conversation. I wanted to know them and vice versa but really I didn't know how. My boyfriend was giving his best, translating for the both sides but the result wasn't so good. It went better the second time I went to his house, it was last September and I spent almost one month at his place with his family. Still some difficulties but nothing compared to the first one. After the Erasmus experience I come back in Lisbon for visiting my boyfriend as I've already said. In the meanwhile I finish my studies in Istanbul and on October I will go to Berlin for studying for my Master's degree. A new experience in a new city with a completely new language. But Erasmus is made also for this: to encourage young people to study and live in a new Country; in my case it gave me the strength to leave my Country, I've always wanted to go abroad but I was maybe afraid of leaving or maybe just too comfortable at home.

Estudante 9: França, Masculino, 25 anos, último ano de licenciatura em Planeamento e Gestão do território na Universidade de Lisboa.

Lisbon was my first choice when I did my application because after my bachelor's I want to go to Brazil. So Lisbon was the first step at least for starting to learn the language. I had already taken part in a study abroad program; I lived in Ecuador for four months when I was at my last year of college. But Erasmus was a different experience, mostly because I was older and I faced this experience with a different mind and spirit. In fact when I arrived to Lisbon, at the contrary of the other Erasmus students that then I met, I went to live in an apartment only with Portuguese people, in a typical central bairro. The house was not great, it was old and really cold but I enjoyed my staying. I wanted to speak and eat Portuguese so living with Portuguese people was the best option I had. I haven't had big difficulties, I get immediately used to the rhythm of the city, its habits, its language, its streets. With my flatmates, every Sunday, we were having a typical Portuguese lunch, at the beginning they were cooking and I was just observing then I started also to cook and I have to admit that I was good. At the University the courses were in Portuguese, there was a big group of French students in Erasmus too, and sometimes we were working together but I prefer to work with the Portuguese students for learning better. With my classmates we went to Serra da Estrela for a weekend, actually it was a trip organized by the University for a Group Work. We had a lot fun, the days and the nights were really cold, so we stayed at home just talking and sharing experience. From that moment I started to get really closed to my Portuguese colleagues, and when we went back to Lisbon we were seeing each other more often and not only for University. They were coming to the Erasmus party and I was going out with their Portuguese friends. It was cool because we were perfectly mixed; instead sometimes when I talked to the other students I got like the impression that at University there are always two separate groups: the Erasmus and the Portuguese and they don't get mix up. For me was different, I reach a sort of harmony between the two parts that was special. I dated also some Portuguese girl but without getting involved, I didn't want to. When I came back to France I was a little bit sad, but I had so many stuff to do that the first months I rarely thought about my year in Lisbon. Now sometimes I have some moment of Saudade, but I'm still in contact with the people I met during my Erasmus and with the French students I met it happens that we go out together.

Estudante 10: Espanha, Feminino, 23 anos, último ano de licenciatura em Economia na Nova de Lisboa.

I went to Lisbon not for a particular reason, I wanted to do my Erasmus but without going so far from my hometown. I was living in a big house, modern with a big living room and many balconies that is something uncommon in Lisbon. I shared the apartment with another Spanish girl and then other people from other Countries there was also a Brazilian guy. We were all students, and one of my flatmates was studying at the Nova too. She had an internship the previous months in Lisbon and she knew very well the city. Thanks to her I discover Lisbon in a short time so that after I would have the time to visit Portugal. On Sunday sometimes we were going to other cities, also because one of my flatmates had the car. I was feeling so good during my first semester, everything was new and exciting. I didn't know many Portuguese people, I was spending my time with the Erasmus students of my University and with my flatmates. I studied Portuguese language at university even if all my other courses were in English, and at home I started to practice my Portuguese with the Brazilian flatmates. With two girls of my apartment I found out that we had many things in common and, after the first month, we understood each other so well that it was like I've ever known them. They helped me a lot in my bad moments. It was the first time I was living alone and on one hand I was really happy to be alone and free, I could do what I wanted and when I wanted. I didn't have rules. But from the other hands I was missing my family so much. I'm really closed to them especially with my mother. They came to visit me three times, and it was a real joy every time. I had my boyfriend that was in Spain too, and even if we had a distance relationship already in Spain, because he was studying in Valencia and me in Salamanca, the distance from one Country to another is different especially when you don't have a job that means not money for travelling. During my second semester I went back for almost two months in Spain, not continued, sometimes I was going just to spend the weekend with my boyfriend. I knew I couldn't live the distance with my family and my boyfriend anymore. But I loved Lisbon and the real friend I found, I'm sure they will always be in my heart. But I had to come back to Spain even because the year of study in Lisbon wasn't the best. I failed many exams, probably I was distracted or maybe because the level of teaching was higher than I was expected. This year I have to study harder if I want to finish my Course in time but I know it will be difficult, we'll see.

